

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

LIZANDRO POLETTO

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS EM PROVÉRBIOS

Goiânia
2020

LIZANDRO POLETTO

A EDUCAÇÃO DOS FILHOS EM PROVÉRBIOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor. Linha de Pesquisa: Religião e Literatura Sagrada.

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva.

Goiânia

2020

P765e Poletto, Lizandro
A educação dos filhos em Provérbios / Lizandro Poletto.--
2020.
99 f.

Texto em português, com resumo em inglês
Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades,
Goiânia, 2020

Inclui referências: f. 95-99

1. Bíblia - A.T. - Provérbios. 2. Educação. 3. Pais
e filhos. 4. Literatura de sabedoria. I. Silva, Valmor
da. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás -
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
- 2020. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 27-243.65(043)



**PUC
GOIÁS**




A EDUCAÇÃO DOS FILHOS EM PROVÉRBIOS

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 18 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás



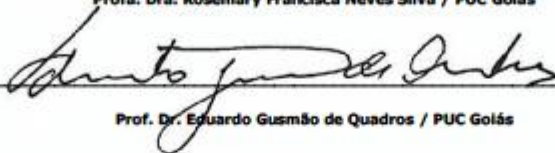
Prof. Dr. Cristiano Santos Araujo / FANAP



Prof. Dr. Daniel Martins Sotelo / FAN



Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás



Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás

Prof. Dr. Vicente Artuso / PUCPR

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor da minha vida.

Aos meus queridos pais Zeferino e Lurdes,

À minha Nona Odila,

E ao meu filho Mateus.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Valmor da Silva pela orientação e acompanhamento nas horas mais difíceis de pensar, escrever e trabalhar.

Ao Prof. Dr. Daniel Sotelo PhD pela amizade, trocas ideias e por sua biblioteca sem a qual não seria possível pesquisar estas obras citadas.

EPIGRAFES

“Filho meu, não te esqueças da minha lei, e o teu coração guarde os meus mandamentos” (Pr 3,1).

“A sabedoria é a coisa principal; adquiere, pois, a sabedoria; sim, com tudo o que possuis adquiere o entendimento” (Pr 4,7).

“O temor do Senhor é o princípio sabedoria; e o conhecimento do Santo é o entendimento” (Pr 9,10).

“A lei do Senhor é perfeita, e revigora a alma. Os testemunhos do Senhor são dignos de confiança, e tornam sábios os inexperientes. Os preceitos do Senhor são justos, e dão alegria ao coração. Os mandamentos do Senhor são límpidos, e trazem luz aos olhos. O temor do Senhor é puro, e dura para sempre. As ordenanças do Senhor são verdadeiras, são todas elas justas. São mais desejáveis do que o ouro, do que muito ouro puro; são mais doces do que o mel, do que as gotas do favo” (Sl 19,7-10).

“Aquele que dá ensinamentos a seu filho será louvado por causa dele, e nele mesmo se gloriará entre seus amigos” (Eclo 30,2).

RESUMO

POLETTI, Lizandro. *A educação dos filhos em Provérbios*. 2020. f. 101. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), Goiânia-GO.

Esta tese estuda a temática da educação dos filhos no livro de Provérbios. Analisa os principais provérbios bíblicos no contexto sapiencial do antigo Israel, e estabelece a relação com as propostas da moderna pedagogia. Na perspectiva hermenêutica faz a releitura dos provérbios antigos nos parâmetros educacionais da atualidade. Distingue limites e possibilidades, entre condicionamentos culturais e valores perenes. Com a hipótese de que os conceitos norteadores da educação dos filhos no antigo Israel continuam válidos, se bem interpretados, retomam a importância da sabedoria em todo processo educativo. Objetiva destacar métodos, valores e princípios contidos nos ditos e provérbios, sobre a relação entre pai/mãe e filho/filha, como uma relação entre mestre e discípulo/discípula. O primeiro capítulo trata da educação no antigo Israel, no seu contexto sapiencial, distinguindo conceitos, formas e expressões. O segundo capítulo aborda os provérbios aplicados à educação, em âmbito familiar e social, como proposta ética para uma vida bem sucedida. O terceiro capítulo analisa os provérbios referentes a filhos, crianças e educação em comparação com a moderna pedagogia, concretamente na perspectiva da educação libertadora e da legislação brasileira atual. Conclui que os provérbios bíblicos, apesar de sua antiguidade e de seu longo processo de elaboração, possuem valores pedagógicos válidos para a educação dos filhos até os dias atuais.

Palavras-chave: Educação. Literatura Sapiencial. Crianças e Filhos. Provérbios.

ABSTRACT

POLETTTO, Lizandro. *The education of children in Proverbs*. 2020. f. 101. Thesis (Doctorate in Sciences of Religion) Pontifical Catholic University of Goiás (PUC Goiás), Goiânia – GO.

This thesis studies the theme of children's education in the book of Proverbs. It analyzes the main biblical sayings, in the context of ancient Israel, and establishes the relationship with the proposals of modern pedagogy. From a hermeneutic perspective, it reinterprets ancient proverbs in today's educational parameters. It distinguishes limits and possibilities, between cultural conditioning and perennial values. With the hypothesis that the guiding concepts of the education of children in ancient Israel remain valid, if well interpreted, it returns to the importance of wisdom in every educational process. It aims to highlight methods, values and principles contained in the sayings and proverbs, about the relationship between father/mother and son/daughter, as a relationship between teacher and disciple. The first chapter deals with education in ancient Israel, in its wisdom context, distinguishing concepts, forms and expressions. The second chapter addresses the proverbs applied to education, at the family and social level, as an ethical proposal for a successful life. The third chapter analyzes the proverbs concerning children, children and education in comparison with modern pedagogy, specifically from the perspective of liberating education and current Brazilian legislation. It concludes that biblical proverbs, despite their antiquity and long process of elaboration, have valid pedagogical values for the education of children up to the present day.

Keywords: Education. Sapiential Literature. Children and Children. Proverbs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: SABEDORIA E A EDUCAÇÃO NO ANTIGO ISRAEL	19
1.1 SABEDORIA E CONHECIMENTO NA BÍBLIA.....	19
1.2 AS FORMAS DE CONHECIMENTO.....	24
1.3 CASA/ESCOLA (<i>BEIT HAMMIDRASH</i>)	25
1.4 EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO NA BÍBLIA HEBRAICA.....	30
1.5 A ARTE COMO APRENDIZADO NA BÍBLIA HEBRAICA.....	32
1.6 A POESIA DIDÁTICA COMO ENSINO.....	34
1.7 PROVÉRBIOS NUMÉRICOS E O ENSINO.....	37
1.8 O POEMA DIDÁTICO COMO APRENDIZADO.....	38
1.9 O CONHECIMENTO, O TEMOR DE DEUS E O ENSINO.....	38
CAPÍTULO 2: OS PROVÉRBIOS BÍBLICOS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS FILHOS	41
2.1 A UNIVERSALIDADE DOS PROVÉRBIOS COMO FORMA DE ENSINO.....	42
2.2 DEFINIÇÃO DE PROVÉRBIOS COMO ENSINO.....	43
2.3 O POTENCIAL DOS PROVÉRBIOS COMO ENSINO.....	48
2.4 O USO DO PROVÉRBIO PARA O ENSINO.....	49
2.5 PROVÉRBIOS HEBRAICOS COMO ENSINO.....	50
2.5.1 <i>Masha/Sabedoria/Conhecimento</i>	50
2.5.2 Técnicas de Som e Memorização.....	50
2.5.3 Paralelismo Semântico.....	51
2.5.4 Afirmando o Paralelismo.....	52
2.5.5 Os Professores e a Moral.....	52
2.5.5.1 Os <i>Soferim</i> ou Escribas.....	52
2.5.5.2 Jesus Ben Sira sobre a Glória de ser um Escriba.....	54

CAPÍTULO 3: PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO À LUZ DOS PROVÉRBIOS.....	57
3.1 COMPREENDENDO EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA.....	57
3.1.1 Conceito de Educação.....	57
3.1.2 Pedagogia: uma forma de educar.....	61
3.2. EDUCAÇÃO DOS FILHOS A PARTIR DOS PROVÉRBIOS.....	62
3.2.1 Educação dos filhos na primeira coleção salomônica - Prólogo.....	64
3.2.2 Educação dos filhos na grande segunda coleção denominada de salomônica.....	69
3.2.3 Educação dos filhos na terceira coleção denominada dos sábios.....	73
3.2.4 Educação dos filhos em Provérbios atribuídos a Salomão.....	74
3.2.5 Educação dos filhos na coleção de Provérbios numéricos.....	75
3.2.6 Educação dos filhos na coleção das Palavras de Lamuel.....	75
3.2.7 Provérbios e educação.....	76
3.3 A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE E OS PROVÉRBIOS.....	79
3.4 O ECA E A LEI BERNARDO: A LEGISLAÇÃO ATUAL NA EDUCAÇÃO DOS FIHOS.....	83
3.4.1 O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).....	83
3.4.2 Lei 13.010/14: Lei menino Bernardo: a Lei da Palmada.....	86
CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS.....	95

INTRODUÇÃO

O tema desta tese é a Educação dos filhos no livro de Provérbios, no contexto da literatura sapiencial. O desafio desta pesquisa é analisar se os métodos dos provérbios antigos transmitem, ou não, princípios que ajudam na educação das crianças em nossa atualidade, em outras palavras, se eles valem até os dias de hoje.

O livro de Provérbios revela a mente de Deus em assuntos superiores e nobres, assim como em assuntos ordinários e situações cotidianas. Parece que nenhum assunto escapou à atenção dos textos e das questões relativas à conduta pessoal, relações sexuais, negócios, prosperidade, amor, ambição, disciplina, dívidas, caráter, álcool, política, vingança, piedade e a educação dos filhos, para onde meu olhar se volta nesta pesquisa. Mas está claro, no livro de Provérbios, esta conduta pessoal e na administração social do Antigo Israel.

Este tema da Educação dos filhos segundo o livro de Provérbios me ajuda a entender como fomos educados dentro da Igreja, assim como na família e na sociedade.

A minha pesquisa irá partir de um estudo da família israelita, como ela era organizada e como os filhos eram educados por seus pais; farei uma análise da educação nos dias atuais finalizando com uma análise dos Provérbios com a educação dos filhos nos dias de hoje; o que dá para aplicar.

Precisamos levar em conta que os livros mais antigos, sobretudo o mais antigo, que é o livro de Provérbios, fora composto pouco a pouco no decorrer de cinco séculos pelo menos. Em primeiro lugar, parece que entraram nos provérbios, nas sentenças antigas de tradição sapiencial vindas dos anciãos das famílias, os costumes tradicionais. O livro de Provérbios teve uma redação antes do exílio, mas é provável que foi completado durante o exílio, com o objetivo de salvar as tradições em vista de uma restauração da dinastia e do reino, que vários profetas anunciavam.

Os ensinamentos, que hoje temos recolhidos nesse grande escrito, são fruto de muita escuta do que existe de mais popular e também do que predominava nos ambientes da Monarquia estabelecida em Israel e região circundante. Não podemos deixar de mencionar a influência da sabedoria sacerdotal com sua visão de Deus, bem clara e direta, que modelou por muito tempo o consciente coletivo dessa época.

O livro de Provérbios é fruto de um longo processo, começando desde os tempos de Salomão. O livro pode ter sido terminado em sua redação final e pode ter recebido sua forma final no século V a.C. Ele representa cinco séculos de literatura sapiencial em Israel. Constitui uma autêntica antologia sapiencial de Israel. Acredita que para ter sabedoria não basta a observação, mas é necessário fé e o temor no Senhor. Pr 15,33: “O temor do Senhor é a instrução da sabedoria; e adiante da honra vai a humildade”.¹

Deus e a religião são valores imprescindíveis para se conquistar a sabedoria: Pr 1,7: “O temor do Senhor é o princípio do conhecimento; mas os insensatos desprezam a sabedoria e a instrução”. Pr 9,10: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; e o conhecimento do Santo é o entendimento”. Deus é o mistério que dirige o ser humano, mistério do qual ele depende totalmente. O ser humano tudo faz em consequência e por disposição de Deus mesmo, não de um modo mecânico e mágico, mas na perspectiva da liberdade e da responsabilidade.

Concordamos que o livro de Provérbios é fruto de uma longa caminhada histórica e queremos enfatizar que nessa trajetória literária de provérbios recebeu também fortes influências da chamada Escola Deuteronomista.

De acordo com esta linha teológica, o povo de Israel tinha a visão de um mundo organizado e ordenado por Deus, e as pessoas viviam suas relações com esse Deus, na forma de causa e efeito. Essa imagem de Deus foi primeiramente explicitada no Livro de Deuteronômio, porém na pesquisa bíblica, hoje, afirmamos que as influências da teologia deuteronomista não se restringiram somente ao livro do Deuteronômio.

Essa teologia perpassa grande parte dos livros da Bíblia Hebraica. Concretamente, no livro de Provérbios temos muitos exemplos da lógica teológica deuteronomista (Pr 1,8-9; 3,1-2.11-12; 12,4-21; 14,2; 19,1; 23,13-16). Agrega-se uma visão mercantilista de Deus, que já existia na época e no meio de uma mentalidade formada na teologia da retribuição.

Consequentemente, nos certificamos que a imagem de Deus, defendida pelos autores deuteronomistas atingiu, de forma bem direta, também, as relações entre as pessoas, pautando os seus valores e modelos de conduta na vida cotidiana. Sobre esta percepção de Deus, Lopez (1992, p. 8-9) afirma:

¹ Seguiremos normalmente a tradução da BÍBLIA, Tradução de João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada, São Paulo, SBB, 1999.

Na trama do Deuteronômio há cinco pontos de importância decisiva: um Deus, um povo, uma terra, um santuário e uma lei. Não se trata de elementos separados uns dos outros, mas de cinco fios entrelaçados, aos quais vêm prender-se muitos outros fios: eleição, aliança, bênção, maldição.

Isso forma um vasto tecido do ensino na literatura salomônica. A terra representa o dom por excelência de Deus a seu povo. Enquanto dom de Deus, ela traz em si uma espécie de transcendência, mas encerra também perigo, o de sua imanência, a tendência a apegar-se aos bens terrestres e a esquecer-se de seu doador.

No texto de Provérbios existem muitas passagens que falam de ensinamentos dos pais aos filhos, como: “Filho meu, ouve a instrução de teu pai, e não deixes o ensino de tua mãe. Porque eles serão uma grinalda de graça para a tua cabeça, e colares para o teu pescoço” (Pr 1,8-9).

E ainda em Pr 6,20-21 temos: “Filho meu, guarda o mandamento de teu pai, e não abandones a instrução de tua mãe; ata-os perpetuamente ao teu coração, e pendura-os ao teu pescoço”. E em Pr 10,1: “Um filho sábio alegra a seu pai; mas um filho insensato é a tristeza de sua mãe”. É interessante observar que as questões de gênero são bem claras nestes versículos. Enquanto o filho bom é alegria do pai, de forma contrária o filho mau é vergonha da mãe e não do pai.

Segundo Garmus (2005, p. 37), o livro de Provérbios pode ser entendido como um exemplo de método de educação. De fato, no antigo Oriente Médio as relações do professor com o aluno e do mestre com o discípulo são expressas metaforicamente em termos da relação “pai” e “filho”.

Os pais eram os primeiros responsáveis pela educação dos filhos; mas, a educação era também confiada a escravos, conquistados pelos Hebreus.

O pai e a mãe tinham seus papéis bem definidos. A mãe atuava preferencialmente dentro da casa. O pai tinha a sua autoridade garantida. O trabalho e colheita eram de sua competência. A base do relacionamento familiar eram todos os acontecimentos cotidianos: como festas e sacrifícios; levando em consideração sempre a tradição oral. A família tinha a formação religiosa como primordial na educação das crianças.

A coleção mais recente do livro de Provérbios (Pr 1,1-9,18), literariamente, se apresenta como instruções dos pais aos filhos. O pai fala em primeira pessoa ao seu filho, reforçando a ideologia do etos familiar. O leitor é convidado a assumir o papel

do filho e escolher entre os valores que preservam a sociedade e as ações que comprometem a estabilidade familiar.

A educação era bem definida, os filhos, quando eram homens, eram instruídos pelos pais; as meninas recebiam os primeiros ensinamentos da mãe, e posteriormente do pai. Não podemos esquecer que o aprendizado e a memorização de histórias e narrativas passadas, eram ensinados para ambos: Sl 44,1: “Ó Deus, nós ouvimos com os nossos ouvidos, e nossos pais nos têm contado a obra que fizeste em seus dias, nos tempos da antiguidade” Sl 78,3-4: “Os quais temos ouvido e sabido, e nossos pais no-los têm contado. Não os encobriremos aos seus filhos, mostrando à geração futura os louvores do Senhor, assim como a sua força e as maravilhas que fez”.

Os pais davam aos filhos os primeiros elementos de uma instrução religiosa e moral: Pr 1,8: “Filho meu, ouve a instrução de teu pai, e não deixes o ensinamento de tua mãe”; Pr 6,20: “Filho meu, guarda o mandamento de teu pai, e não deixes a lei da tua mãe”. Os conselhos da mãe podiam estender-se também aos filhos na adolescência: Pr 31,1: “profecia que lhe ensinou a sua mãe”. Entretanto, os jovens mais maduros e vividos, ao saírem da infância, eram principalmente confiados aos seus pais. Um dos deveres mais sagrados destes, era ensinar seus filhos, quer se tratasse de ensinamentos religiosos (Ex 10,2; 12,26; 13,8; Dt 8,5; 2Sm 7,14; Pr 3,12; Eclo 30,1) quer se tratasse de ensinamentos civis, militares e administrativos.

Garmus (2005, p. 33) descreve a educação das meninas: A educação das meninas, desde o nascimento até a idade núbil, se dava no seio da família e era responsabilidade da mãe. As meninas aprendiam da mãe as artes domésticas. Era, sobretudo, a educação recebida da mãe que moldava a personalidade da filha. Daí o provérbio: “Tal mãe, tal filha” (Ez 16,44). Em Pr 31,10-31 se apresenta a figura da mulher ideal como modelo para a educação das meninas. A educação das meninas, porém, inspirava mais cuidados e preocupações que a dos meninos.

Indicamos claramente que tanto os meninos como as meninas não eram tratados e ensinados por igual. Os meninos tinham distintas atribuições quando comparamos com as meninas. Os meninos aprendiam do pai uma profissão manual. O povo hebreu tinha como filosofia um provérbio que dizia: “Quem não ensina uma profissão útil ao filho, cria um ladrão”.

Os meninos recebiam instruções diferentes das meninas e das mulheres. Além desse ensinamento em família, o jovem israelita tinha muitas ocasiões para

instruir-se como no exército, e na administração pública. Nas caravanas e no deserto, junto aos poços ouvia-se cantar cânticos de “justiças de YHWH”. Na porta das cidades o povo se acumulava aos debates dos anciãos, dos juizes, dos julgamentos e dos litígios, também como transações de vendas ou troca de mercadorias.

Com o passar do tempo, a estrutura família em Israel passou por grandes modificações, principalmente com o crescimento do número de cidades. Testemunhos arqueológicos mostram casas pequenas, que incluíam praticamente só os filhos. A partir do séc. VIII o chefe da família já não exerce sua autoridade ilimitada.

De Vaux (2004) descreve que nascer menino ou menina não significa a mesma “coisa”. A alegria declarada era menor para esta última. Sabemos também que o primogênito gozava de direitos particulares. Ele tinha a precedência sobre os outros irmãos, enquanto o pai era vivo; recebia uma dupla parte na herança, quando o pai morria (Dt 21,17), e se tornava o chefe da família.

Devemos mencionar que a situação das mulheres na história de Israel sempre foi difícil. Schwantes (2009) afirma que as mulheres se encontravam em condições miseráveis e de submissão, já que eram subordinadas aos homens (pai, marido ou filho mais velho), estavam indefesas nas dificuldades da vida e eram colocadas no último lugar tanto no mundo religioso como na sociedade.

De Vaux (2004) aborda o tema da violência usada na educação das crianças. Menciona a educação através da disciplina aplicada com violência, em que os pais usavam a vara para corrigir os seus filhos dos seus erros. O autor por outro lado, enfatiza a exortação ou defesa da educação a partir da escuta que, segundo esta vertente, é sinônimo de sabedoria. Esse paradoxo que ele aponta está sintetizado em Pr 29,15.17: “A vara e a repreensão dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma, envergonha a sua mãe. Castiga o teu filho, e te dará descanso; e dará delícias à tua alma”.

Concluimos que a constituição da família na cultura hebraica foi patriarcal, com pouco espaço para a atuação da mulher e dos filhos, mas que, com o passar do tempo a configuração familiar e social teve suas modificações e transformações.

Em vista da contextualização acima descrita, nossa pesquisa tende a fazer uma análise sobre alguns provérbios selecionados tematicamente. Os textos são

variados por terem muitos redatores finais que se ajustaram na redação do século IV a.C.

Veremos alguns elementos importantes:

a) Delimitação do texto, que consiste em determinar onde ele começa e termina, para saber exatamente o alvo da exegese moderna que o classifica como sendo de vários redatores;

b) A coesão do texto apesar de não ser unânime, o pesquisador deve analisar se está diante de um único texto ou se o texto é redacional e de redatores posteriores.

c) O gênero do texto é sapiencial. Este gênero é um conjunto de textos que possuem características comuns como: paralelismos, poesia e provérbios.

O objetivo geral desta tese é estudar o livro de Provérbios verificando se os métodos dos mesmos transmitem ou não princípios que ajudam na educação das crianças em nossa atualidade.

Dentre os objetivos específicos, destacam-se os seguintes: selecionar e analisar Provérbios, no livro bíblico homônimo, sobre a Educação dos Filhos; contextualizar os Provérbios bíblicos sobre educação dos filhos no sistema pedagógico do Antigo Israel; comparar criticamente com o sistema atual de educação dos filhos, através de um diálogo hermenêutico.

Apesar da distância histórica e cultural, os Provérbios bíblicos sobre a educação dos filhos transmitem experiências, valores e princípios que continuam válidos para as famílias da atualidade.

A nossa metodologia será uma pesquisa hermenêutica, isto é, de interpretação do texto bíblico, incluindo a sua aplicação para a realidade atual, o que pode ser chamado de atualização, releitura, interpretação ou, tecnicamente, hermenêutica.

A metodologia a ser usada será essencialmente bibliográfica. A busca de livros e artigos em língua portuguesa e, de maneira especial, a inglesa, nos ajudarão muito na elaboração desta tese.

Metodologicamente, a pesquisa parte de uma seleção temática de provérbios bíblicos sobre a educação dos filhos. Feita essa seleção, elabora-se uma análise dos mesmos provérbios.

Outro passo consiste em apresentar o sistema de ensino e educação dos filhos no Antigo Israel, para inserir e contextualizar os provérbios nessa realidade.

Compreendido o sistema de educação dos filhos no antigo Israel, de acordo com os provérbios, será importante a comparação com os sistemas de educação dos filhos atuais.

Enfim, será feita a análise hermenêutica comparativa para concluir em que medida os princípios de educação dos filhos propostos na Bíblia possuem validade para as famílias modernas.

O primeiro capítulo trata da sabedoria e da educação no Antigo Israel. Falamos sobre a questão da sabedoria e do conhecimento, da casa da sabedoria, das formas do conhecimento na Bíblia, o aprendizado na Bíblia, a poesia como ensino e memorização, os provérbios numéricos, a didática do ensino em Israel, o temor de Deus como ensino, o comportamento social como forma de ensino.

O segundo capítulo trata dos provérbios bíblicos sobre a educação dos filhos no contexto sapiencial do antigo Israel. Aborda modelos pedagógicos, características do ensino e, particularmente, funções dos provérbios como método didático-pedagógico.

O terceiro capítulo menciona a educação em Provérbios em comparação com a moderna pedagogia. Comenta os principais provérbios bíblicos sobre educação e, em seguida, estabelece as relações com a pedagogia libertadora de Paulo Freire, com o Estatuto da Criança e do Adolescente e com a Lei Menino Bernardo.

Por meio da análise da literatura publicada poderemos traçar o quadro teórico e fazer a estruturação conceitual que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa.

Argumentamos que, os antigos provérbios bíblicos são metaforicamente adaptados a uma educação e pedagogia, mas não da forma como se lê literalmente, afirmando que a criança e os filhos devem ser espancados ou corrigidos com a vara. Mas sim, que existem materiais de ensino, formas de ensinar sem a necessidade da agressão física. Autores e leis nos ajudaram nesta reflexão sobre a educação das crianças.

A educação das crianças e a disciplina, a correção dos mesmos; o ensino da justiça, a doutrina e as instruções estão inseridas neste contexto. São muitos os modos de conhecer e saber, os métodos são variados.

O texto de Deuteronômio (6,4-9), recitado diariamente, recorda a importância de fixar o ensinamento na memória e no coração, isto é, na integridade da pessoa e de transmiti-lo aos filhos e filhas.

Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.

CAPÍTULO 1: SABEDORIA E A EDUCAÇÃO NO ANTIGO ISRAEL

Neste capítulo, pretendemos analisar a Sabedoria e a Educação no Antigo Israel a partir do livro bíblico de Provérbios. O livro possui diversos termos para a realidade que se denomina Sabedoria e Educação. Apresenta, igualmente, contextos e métodos diversificados para a educação dos filhos.

O capítulo aborda conhecer e o saber da criança, como estas entendem as coisas, como também trata da casa escola e das formas de expressão e dos provérbios numéricos, o conhecimento e o temor de Deus como ensino.

1.1 SABEDORIA E CONHECIMENTO NA BÍBLIA

O início de Provérbios é marcado por um exórdio que apresenta os objetivos do livro (Pr 1,2-6). Esses objetivos se resumem em adquirir sabedoria e conhecimento. Com diversos sinônimos acumulados no texto, tem-se as palavras-chave sobre o sistema de educação no antigo Israel. Logo após o título, seguem-se os objetivos “para que”. Textualmente:

Para conhecer (*da't*), sabedoria (*hokmah*) e disciplina (*musar*), para entender (*bin*) os ditos do entendimento (*binah*), para agarrar a disciplina (*musar*) da prudência (*sekel*), - justiça (*tsédeq*) e juízo (*mishpat*) e retidão (*meysarim*) -, para dar aos simples prudência (*ar'mah*), ao jovem conhecimento (*da't*) e reflexão (*mezimah*), escute o sábio (*hakam*) e aumente o discernimento (*léqah*), e o entendedor (*nabon*) estratégias conquiste, para entender provérbio (*masha*) e ditos enigmáticos (*m^o litsah*), palavras (*dabar*) dos sábios e os enigmas (*hidah*) deles (Pr 1,2-6).

Com esse elenco de termos, o autor parece pretender uma abrangência ilimitada. Algumas palavras são repetidas, outras são sinônimos, mas todas se referem, de alguma forma, ao processo sapiencial. “Todo o mundo sapiencial deve se encerrar nas páginas que seguem, com suas diferenças e interferências” (SCHÖKEL; VÍLCHEZ, 1984, p. 155).

Crenshaw (1998), numa obra referencial, afirma que a educação no Antigo Israel tinha várias formas. Ele enumera dez modelos de educação:

O primeiro modelo é de ordem literária, em que as crianças aprendiam o alfabeto, a ler e escrever.

O segundo modelo é uma forma de educar no Antigo Israel que ele denominou de vida contemplativa.

O terceiro modelo aborda como surgiram as escolas no Antigo Israel. Israel imita o Egito e a Mesopotâmia sistemas de escritos e como ocorria o treinamento dos escribas, dos sábios e das escolas oficiais no Antigo Israel.

O quarto modelo mostra como os israelitas adquiriam o conhecimento. Mais uma vez Israel busca no Egito e na Mesopotâmia este modelo de literatura sapiencial a partir dos textos extra bíblicos. No antigo Israel havia um processo de aprendizado que partia da teoria do conhecimento dos sumérios (Pr 7,22-23; 17,3; 18,23; 26,14; 25,14; 27,8; 27,15; 30,15-15). Esses textos fazem referência explícita sobre a aquisição do conhecimento.

O quinto modelo expõe sobre a resistência ao aprendizado. O ensino era feito por escravos para crianças e adultos, menos para as mulheres, que tinham que se dedicar a criar filhos. Dessa forma, somente ricos e funcionários do governo e do reinado podiam aprender.

No sexto modelo a voz perdida trata no livro de Provérbios de uma coleção de ditos de instrução, admoestação, pleitear, repreensão e aviso.

No sétimo modelo, descreve-se a linguagem para o cumprimento intelectual. Esse modelo trata de tipos de especulação e da forma da natureza da educação no antigo Israel. Trata ainda do vocabulário do mestre, dos alunos e de suas atividades.

No oitavo modelo, encontramos como os mestres e alunos no antigo Israel, tinham um nível avançado ou não de instrução de aprendizado para a leitura e escrita. Na Mesopotâmia a épica de Gilgamesh e Enuma Elish relatavam o mito do dilúvio, as origens da vida, o destino do homem como forma de aprendizado. Do Egito, Israel copia o livro de Kemit e a instrução de Khety em que existem numerosos textos e numerosos escribas denominados miscelânea pelos autores modernos.

O nono modelo trata do conhecimento como descoberta divina e o dom de Deus. O livro de Provérbios capítulo 8 acredita que a sabedoria, o conhecimento e a educação não vêm da natureza humana e nem da natureza divina, mas de uma linguagem simbólica que formava o conhecimento sapiencial.

No modelo dez trata de provar o desconhecido em que ele analisa o conhecimento humano, divino e o conhecimento sagrado.

Conforme Von Rad (1988) no seu livro Sabedoria, o exame do livro de Provérbios só foi realizado pela grande onda de críticas históricas que chegou à ciência bíblica na metade do século XIX d.C. Não há nada de estranho nisso, já que nesses textos os critérios de crítica de fontes eram inutilizáveis.

Assim, foi possível respeitar, mesmo nos meados do século XIX d. C., a autenticidade discutível da autoria salomônica do livro de Provérbios. Ainda mais com algumas modificações, o estudo histórico-crítico da Bíblia e de Provérbios certamente desencadeou uma mudança de posição destas ideias, mas a noção de que o livro de Provérbios deve ser considerado um conjunto e um produto da comunidade judaica do pós-exílio é indiscutível.

Von Rad (1988), nesta mesma obra, ainda afirma que foi revolucionário verificar que o livro de provérbios (Pr 22,17-23,11) reproduziu quase literalmente uma passagem inteira do livro de Amenemope.

Lemaire (1981 e1989) diz que foi particularmente no Egito antigo que havia os livros sapienciais, cuja origem se estendeu ao terceiro milênio a.C. a uma era muito atrasada, foi avançada ver que o livro de provérbios pode ter sido uma cópia de textos do Antigo Oriente.

Segundo Morgan (1981) o resultado de tal trabalho, que ainda não estava concluído, era de verificar a quadragésima extensão dos traços comuns, das semelhanças, das dependências que ligavam a sabedoria israelense às do antigo Oriente. Mas era menos lógico para que fosse baseado principalmente na sabedoria do leste antigo, a fim de interpretar tais comparações. Ao longo deste processo interpretativo da sabedoria de Israel, surgiram questões perturbadoras.

De Vaux (2004) mostra a visão de que a fé israelita em YHWH e seu enorme poder não entraram nos ensinamentos sapienciais. Mas eram usados apenas no culto como formas de ensino.

Uma comparação metodologicamente sólida só pode ser realizada, quando os esforços epistemológicos de Israel forem utilizados em todas as suas particularidades já conhecidas. Em Israel a sabedoria estava ligada ao conhecimento e vice-versa. A sabedoria era composta de frases sinonímicas, comparativas, sintéticas. As frases eram comparativas à situação vivencial. Por exemplo: “Eu, a sabedoria, habito com a prudência, e acho o conhecimento dos conselhos” (Pr 8,12).

É sem dúvida uma fórmula altamente poética. E certamente muito difícil de transportar para uma frase que é clara para nós. Temos a impressão de que a linguagem desses poemas didáticos manteve as noções de uma relação muito diferente da qual conhecemos.

Westermann (1986) ao perguntar sobre o ambiente da vida social (*Sitz im Leben*), diz que o livro de Provérbios nasceu de uma coleção de textos e o mesmo afirma, que esta é uma coleção de ditos e de provérbios que foram colecionados e coletados em períodos diferentes. Como pode ser visto a partir destas várias coleções de provérbios, os primeiros pontos de apoio que encontramos são os títulos que precedem cada um dos temas.

Römer (2016) afirma sobre a autoria do livro dos Provérbios, dizendo que vários autores atribuem a autoria do livro em sua totalidade ao rei Salomão, indo de encontro com o trecho de Pr 1,1: “Provérbios de Salomão, filho de Davi, rei de Israel”. O autor acrescenta que a autoria de Salomão foi acrescentada posteriormente no texto e que a tradição geral tem definido predominantemente de autoria não salomônica. Diz ele ainda, que a coleção original de Pr 10-15 é alistada igualmente ao nome de Salomão, mas o que vemos é que o livro é pós-exílico e jamais Salomão poderia ter escrito 400 anos depois de sua morte. Römer conclui que talvez ele seja autor intelectual dos provérbios.

O mesmo autor (2016) afirma da mesma forma, que os conteúdos de Pr 25-27 são designados como Provérbios de Salomão reunidos pelos homens de Ezequias, rei de Judá (Pr 25,1). Hoje é duvidoso pensar assim; e que o papel de Salomão fosse como um autor profícuo como seu pai o Rei Davi. Tal indicação nos informa que houve um trabalho de redação sistematicamente organizado no tribunal, concluído já no tempo da realeza. As palavras de Lemuel são dirigidas a um rei (Pr 31,1). Mas qual rei? O rei não deve ser Salomão.

Se pensarmos que um número bastante grande de provérbios realmente pressupõe uma circunstância da corte do rei, o primeiro resultado de nossa busca será considerar que o livro de provérbios nos revela para o tempo em breve que a corte real era um lugar tradicional de cultivo da sabedoria. O que corresponderia exatamente ao que sabemos dos tribunais do Egito e da Mesopotâmia. O Egito era um representante particularmente rico destes trabalhos ensinados, e que foram atribuídos aos reis ou aos oficiais administradores no Antigo Israel. E o mesmo é o

que acontecia na Mesopotâmia; pense no sábio ministro Ahicar, de cujo conselho toda a Assíria dependia - como a história enfatiza severamente.

Suas diferentes rubricas sugerem que cada um seguiu seu próprio processo de transmissão ao princípio dos provérbios. Isto recorda-nos outra vez da situação de Israel Antigo: por exemplo Aitofel, conselheiro de Davi, que, quando deu o Conselho, era como se Deus mesmo tivesse sido consultado (2Sm 16,23). Assim, a principal tarefa dos altos funcionários palatinos era aconselhar o rei em política.

Os projetos são realizados pelo Conselho de anciãos, e são liderados pelo ancião mor e pelo conselho dos anciãos mais antigos: Pr 20,18: “Cada pensamento se confirma com conselho e com bons conselhos se faz a guerra”. Na abundância de conselhos como a vitória: Pr 24,6: “Com conselhos prudentes tu farás a guerra; e há vitória na multidão dos conselheiros”. Aconselhar o rei com palavras bem medidas foi um papel cheio de responsabilidade que exigia habilidades muito concretas que poderiam ser adquiridas apenas através de uma longa educação. Portanto, não é fortuito que o ensino sobre o uso justo e o falso uso das palavras desempenhem um papel tão considerável em todas as obras didáticas.

Aqueles oficiais viajaram pelo Egito e Mesopotâmia e frequentemente foram representantes da sabedoria. Quando vieram às missões políticas, os interesses de seu país em cortes estrangeiras foram de agradecimentos a seu oratório. Mas as artes do conselho político e das regras das relações diplomáticas não eram certamente as únicas coisas que poderiam ser aprendidas no tribunal. No caso de Ester e o rei Assuero estes homens são sábios compreendidos na ciência dos tempos: Est 1,13: “Então perguntou o rei aos sábios que entendiam dos tempos (porque assim se tratavam os negócios do rei na presença de todos os que sabiam a lei e o direito)”.

De Vaux (2004) tende a pensar neste caso que pensadores ou personagens acreditam que possuem a ciência de anunciar sinais, como faziam os profetas e os videntes. Mas isso não é tudo, teremos a oportunidade de dar uma olhada mais de perto no significado dado ao conhecimento do tempo a favor de uma forma da educação no Antigo Israel. Daniel e José atuam como intérpretes dos sonhos reais (Gn 41,14; Dan 1,17; 2,28).

Mas o problema também é complicado de um ponto de vista diferente. Apesar de nossa primeira determinação da área vital onde o livro de Provérbios nasceu; é impossível vê-lo apenas como um produto de conhecimento que pode existir no

tribunal a serviço dos altos dignitários. O ambiente social a partir do qual muitas frases isoladas e até mesmo grupos inteiros delas vêm, o tipo de problemas abordados, as questões que lidam com a adivinhação, a administração e o direito podem ser determinados com alguma precisão.

De Vaux (2004) mostra o contrário: as sentenças a respeito de um mundo estritamente da Palestina e dos oficiais anciãos são relativamente raras com relação à administração da corte. Assim, impõe-se a hipótese de que o povo do rei Ezequias, entre outros, atuaram como compiladores de um ensinamento externo ao palaciano. De modo que a sabedoria não era de forma alguma baseada unicamente na corte, mas sim em centros de cultura no país.

1.2 AS FORMAS DE CONHECIMENTO

O livro de Provérbios está no grupo da literatura sapiencial. A literatura sapiencial compreende, tecnicamente, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico. A diferença que encontramos nesta literatura é que os provérbios constituem um gênero literário próprio, com sentenças curtas e incisivas. Na língua portuguesa também são expressos com sinônimos como ditos, sentenças, adágios, máximas, ditados, anexins etc.

O uso de provérbios é uma característica do povo em sua linguagem popular, folclore, que usa sons, palavras e ritmos. As coleções de ditados são encontradas em toda a Bíblia. Os três tipos de provérbios usados são: assonância (Pr 11,2), aliteração (Pr 8,27), rima (Pr 12,25). Os provérbios usam afirmações (Pr 10,15), exortação (Pr 3,9), interrogações (Pr 6,27), paralelismo antitético (Pr 10,2), sinonímicos (Eclo 13,1), sintéticos (Sl 1,1). Os provérbios são por motivação (Pr 25,21-22) e experiência (24,30-34, Esd 1,12-15.16-18).

Ceresko (2004) mostra que o nome provérbios em hebraico é *mashal* (sabedoria), e tem um sentido maior do que o que foi dito das máximas, dos ditos e dos aforismos. Ele tem o sentido de sarcasmos, ceticismo, e é encontrado nos profetas desta forma (Ez 12,23; 18,2; Jl 2,17), ou com sátira (Is 14,4-20), exortação e ironia (Jó 27,1,29,1), simbolismo (Ez 24,3), como ameaça (Mq 2,4; Hb 2,6), ou oráculo (Nm 23,7-10.18-24 e Nm 24), exemplos (Is 9,7; Sl 69,12; Jó 17,6), podem ser encontrados como enigma (Jz 14,10-20), ensino (I Rs 10,1; Pr 1,55; Dn 5,12).

O provérbio pode ser como encontramos de forma numérica (Am 1,3.13). Ainda existe um tipo especial de provérbio: poema didático (Pr 8,9; Jó,18,5-21; 28; Sl 37,78), outro modo de provérbio é a fábula: poema ou narrativa didática que usa animal ou vegetal falando na história (Jn 2,1; 11,4; 6-10), uma crítica (Jz 9,8-15), o ridículo (2Rs 14,9).

A parábola é outro modo de provérbio, a conversa de Natã com Davi sobre a ovelha (2Sam 12,1-7) e nos profetas de modo especial (Is 5,1-7,10; 15; 28,23-29. 45,9; Jr 28,1-11). A alegoria ou a metáfora são modos de provérbios (Esd 11,9-12,9, Ez 15-17; 19,1-9; 31,1-18). As listas como forma lírica (Sl 104,148, Jó 28, 36; 29-37; 13, 38,4-39.30, Eclo 42,15-43,33). Os vários *mashalim* (sábios) com as letras do alfabeto hebraico (Pr 11,9-12; 20,7-9; 22,2-4; 26,4-5), respostas (Pr 16,10,12-15); rei (Pr 26,1-12), insensato (26,13-16), preguiça (Pr 6), fiança, falsidade (Pr 26,17-22), brigas (Pr 27,5-10); amizade. A característica mais importante de provérbio é a instrução (Pr 1-6), instrução ao filho (Pr 1,8-9; 3,1-2; 41; 2,4.20-22).

1.3 CASA/ESCOLA (*BEIT HAMMIDRASH*)

De Vaux (2004) mostra que no período inicial da história hebraica, antes do exílio de 586/587 a.C., os professores primários eram os patriarcas da tribo, da família e dos pais. A educação estava focada nas crianças de maneira especial nos meninos.

Os hebreus eram originalmente tribos nômades. A educação envolvia a participação real das crianças, dos alunos nas várias ocupações agrárias, como: agricultura, fabricação de tendas, fabricação de ferramentas e pesca. O conhecimento era passado por gerações através de histórias durante longas noites ao redor das fogueiras, conversas ao redor do poço ou nas casas fazendo tarefas domésticas.

Crenshaw (1998) afirma que provavelmente algumas instituições educacionais nesse período faziam este modo de educação. Os vestígios arqueológicos mesopotâmicos incluem listas de palavras e instruções sobre agricultura; enquanto o resto dos povos sumérios incluem tratados sobre disciplina escolar e diálogos.

À medida que os escritórios dos sacerdotes e dos profetas começaram a surgir, a literatura escrita foi desenvolvida a partir do rico depositário da tradição oral

na cultura hebraica. A necessidade de ser capaz de ler tornou-se importante. A educação era focada em professores que ensinavam a leitura e a escrita. Era natural que os sacerdotes fossem considerados os primeiros professores da comunidade em Israel monárquico.

Dentro da comunidade, os profetas também foram considerados professores. Os profetas hebreus eram vistos como o canal através do qual o YHWH poderia falar. Embora fossem pregadores e previsores do futuro, esses profetas também serviram como instrutores públicos errantes, ensinando ao povo a palavra do Senhor em questões de interesse religioso, público e privado.

Clifford (1998) mostra que a tarefa de descrever um sistema educacional para qualquer cultura é assustadora, uma vez que as culturas mudam constantemente. É provável que a educação israelita tenha sofrido mudanças durante a longa história de Israel. Isso é especialmente verdadeiro para as instituições educacionais, que provavelmente foram afetadas por mudanças na história política. Em geral, a educação encontrada no tempo dos juízes (séculos XII-XIII, a.C.) não permaneceu à mesma altura do tempo dos Macabeus (século II a.C.), que foram confrontados com a educação helenística. Além disso, a educação não era necessariamente a mesma em todos os níveis da sociedade.

As culturas também absorvem influências de outras culturas. Construídos no sistema religioso israelita eram rituais, símbolos e sistemas cuidadosos que existiam para preservar intencionalmente a tradição e mantê-la pura e inalterada de forças externas. Ou seja, a tradição trabalhou para manter a tradição. No entanto, ao mesmo tempo, vestígios de outras civilizações, particularmente as de Canaã, Egito, Mesopotâmia e Grécia, provavelmente foram assimiladas de tempos em tempos a práticas educativas israelitas.

Clifford (1998) mostra ainda que as ressalvas acima indicam que uma considerável diversidade caracterizou a educação no antigo Israel. Tudo isso seria muito útil para obtermos do Antigo Testamento algumas informações sobre a instrução pública em Israel. A primeira indicação direta é encontrada no Sirácida (Sir 51,23), um livro tardio, onde uma vez mais a escola (*beit hammidrash*) era o local de estudos da *Torah* e se transformou na sinagoga.

Apesar disso, não pode haver dúvida de que havia escolas no Antigo Israel também. Isso é indicado pelas circunstâncias nos países vizinhos altamente civilizados, embora não devemos esquecer que estas condições não podem ser

transportadas sem modificá-las para Israel, um país que foi culturalmente influenciado nesta situação mais modesto. E assim também indica, por outro lado, o alto nível de literatura desde o início da realeza. A sua qualidade obriga-nos a admitir a existência de uma profissão de escriba.

Clifford (1998) diz que nunca teria atingido tal nível sem uma cultura educacional que viesse desse meio ambiente. Também foi escrito em Israel desta forma que a educação era feita para homens. Conseqüentemente um ensino da arte da escrita era necessário inclusive no palácio do rei. E as escrituras nunca foram ensinadas sem uma doutrina a respeito disso. De onde segue que as escolas de vários tipos tiveram que existir em Israel.

As perguntas sobre o rito e as distinções complexas entre os puros e os impuros deviam ser ensinadas nas escolas dos sacerdotes. Os escribas do Templo em Jr 8,8 certamente tinham uma formação diferente do que os jovens funcionários do palácio. E também os levitas deveriam ter recebido uma instrução diferente que os ensinasse a interpretar as antigas tradições de Israel e a espalhá-las através da pregação.

Há uma série de proposições interrogativas que podem, pelo menos indiretamente, ser atribuídas a uma espécie de atividade escolar. Elas são espalhadas por quase todo o Antigo Testamento, e vamos designá-las aqui simplesmente como questões escolares:

Pr 6,27-28: “Porventura tomará alguém fogo no seu seio, sem que suas vestes se queimem? Ou andará alguém sobre brasas, sem que se queimem os seus pés?” Am 3,3: “Porventura andarão dois juntos, se não estiverem de acordo?” Jó 8,11: “Os papiros brotam sem pântanos? A cana cresce sem água?”. “Para quem são os ais? Para quem os pesares? Para quem as pelejas? Para quem as queixas? Para quem as feridas sem causa? E para quem os olhos vermelhos? Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando vinho misturado” (Pr 23,29-30).

Um exemplo magnífico do estilo catequético é oferecido por Pr 28,23-28:

O que repreende o homem gozará depois mais amizade do que aquele que lisonjeia com a língua. O que rouba a seu próprio pai, ou a sua mãe, e diz: Não é transgressão, companheiro é do homem destruidor. O orgulhoso de coração levanta contendas, mas o que confia no Senhor prosperará. O que confia no seu próprio coração é insensato, mas o que anda em sabedoria, será salvo. O que dá ao pobre não terá necessidade, mas o que esconde os seus olhos terá muitas maldições. Quando os

ímpios se elevam, os homens andam se escondendo, mas quando perecem, os justos se multiplicam.

Dalley (1991) diz que em Ez 15,1-3 encontramos uma catequese sobre a futilidade da cepa da vinha.

E veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, que mais é a árvore da videira do que qualquer outra árvore, ou do que o sarmento que está entre as árvores do bosque? Toma-se dela madeira para fazer alguma obra? Ou toma-se dela alguma estaca, para que se lhe pendure um vaso?

Vemos que nesta passagem há exposições que se destinam a instruir, graças à presença de uma das chamadas “exortações inaugurais do mestre”. Outros exemplos de tais exortações podem ser encontrados em Dt 32,1; Ex 34,1; Sl 49,2-5. O poeta do discurso de Elihu (Jó 32; 33,1-3; Is 34) é aquele que os elaborou mais amplamente: ele vem ocupar mais de um capítulo de textos sobre a sabedoria.

É importante datar essas exposições escolares, ao fato de que as formas das referidas exortações didáticas já estão atestadas no pré-exílio. É possível que esses ensinamentos tenham sido concluídos com uma revisão regulamentar da redação final.

Exemplos muito simples são as respostas para as perguntas correspondentes:

Sl 34,13-15: “Quem é o homem que deseja a vida, que quer largos dias para ver o bem? Guarda a tua língua do mal, e os teus lábios de falarem o engano. Aparta-te do mal, e faze o bem; procura a paz, e segue-a. Os olhos do Senhor estão sobre os justos, e os seus ouvidos atentos ao seu clamor”.

Ninguém deve ficar surpreso ao ver como o campo teológico também está incluído dentro desta instrução didática: “Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem amarrou as águas numa roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome? E qual é o nome de seu filho, se é que o sabes?” (Pr 30,4).

Is 40,12: “Quem mediu na concha da sua mão as águas, e tomou a medida dos céus aos palmos, e recolheu numa medida o pó da terra e pesou os montes com peso e os outeiros em balanças?”.

Este é também o estilo das formas catequéticas, que estão claramente ligadas aos temas dos hinos. Os exemplos documentais podiam ser multiplicados no

lazer. Aqui só nos preocupamos com a forma adotada pela questão escolar, que mudou para outros contextos como um procedimento estilístico.

Clifford (1998) diz que isto foi muitas vezes o que chamamos de questões retóricas, mas não em todos os casos. Embora sejam sempre modos que o homem pode ou deve saber em qualquer circunstância. Infelizmente, poucas formas podem ser ditas sobre a edição da mais importante educação a ser levantada nesta matéria. Ou seja, a respeito dos portadores de doutrinas, particularmente as dos Provérbios, isto é, tudo sobre o papel desempenhado pelos sábios.

Como podemos representar a atividade de um mestre da sabedoria? Desde quando estamos prestes a ter a existência de professores de sabedoria como um grupo profissional?

No Antigo Israel as escolas eram dentro das casas, pois não existia um local específico para o estudo e para a aplicação do ensino. Este modo de ensino era feito na casa do patriarca, assim foi denominado de casa/escola. Desta forma as escolas funcionavam dentro dos lares e a educação era praticada com os pais e os filhos, mais tarde começam a importar mão de obra estrangeira, principalmente escrava, para ensinar seus filhos.

Podemos perguntar o que é escola na literatura sapiencial? Não temos muitas notícias, no Antigo Testamento, sobre este assunto de escola (*beit hammidrash*). O único modo de entender está na época do Antigo Israel no século II a.C. Pr 15,31: “Os ouvidos que atendem à repreensão da vida farão a sua morada no meio dos sábios”. Aqui vemos claramente a existência de escolas em Israel onde os alunos podiam viver e morar (JAMIESON-DRAKE, 1991).

Em outro texto encontramos que o sábio ensinava os seus discípulos a lerem e escreverem. Ecl 12,9: “E quanto mais sábio foi o pregador, tanto mais ensinou ao povo sabedoria; e atentando, e esquadrinhando, compôs muitos provérbios”.

A partir do século III e II a.C. começaram a existir escolas em Israel, mas não podemos afirmar nada sobre as escolas no período da monarquia.

Os sistemas educativos estavam mais associados a famílias do que a escolas. A relação do mestre/aluno e o local de ensino como lugares públicos encontramos em Pr 1,20-21: “A sabedoria clama lá fora; pelas ruas levanta a sua voz. Nas esquinas movimentadas ela brada; nas entradas das portas e nas cidades profere as suas palavras” e Pr 8,1-3: “Não clama porventura a sabedoria, e a inteligência não faz ouvir a sua voz? No cume das alturas, junto ao caminho, nas

encruzilhadas das veredas se posta. Do lado das portas da cidade, à entrada da cidade, e à entrada das portas estão gritando”.

Estas são duas redações posteriores ao livro, e pode ser que naquela época da monarquia trouxeram do Egito e da Mesopotâmia e recorreram a instituições de ensino para os oficiais em Israel, para os funcionários públicos na administração e contabilidade com Davi e Salomão.

É apenas uma inferência e a epigrafia atesta esta atividade literária em torno de 600 a.C. Foram encontrados óstracas e selos em Gezer, Lakish, Arad, e Qadesh, atividade literária que marca os centros educativos. E no Antigo Testamento temos várias inferências dos tipos de escolas que existiam em Israel. No período de Roboão temos a citação de 1Rs 12,8 que havia um conselho dos antigos e dos jovens que foram educados nestes locais: “Porém ele deixou o conselho que os anciãos lhe tinham dado, e teve conselho com os jovens que haviam crescido com ele, que estavam diante dele” (1 Rs 12,8).

Eram escolas elementares, onde os alunos aprendiam de tudo: ler, escrever, contar, um tipo de administração e contabilidade. A educação sempre teve como forma de disciplinar e educar os filhos para um sistema de governar em Israel. O *moreh* e o *melamed* (professor e mestre) são aplicados para os filhos em Israel.

1.4 EXPRESSÃO DO CONHECIMENTO NA BÍBLIA HEBRAICA

Crenshaw (1978) afirma que aqueles hebreus deportados para Babilônia foram confrontados com seus costumes, adquirindo assim costumes desconhecidos, causando acomodação cultural e, na tentativa de estabilizar sua tradição fizeram surgir algumas obras sapienciais.

Este mesmo autor confirma que o conhecimento foi também importado de outros países que conquistaram e foram conquistados por Israel.

A família ainda era o principal centro de aprendizagem na tradição, mesmo durante os 70 anos do exílio. E o conhecimento passa a ser uma atitude dentre os escribas e sacerdotes de Israel. Os hebreus consideravam os filhos como um presente de Deus e uma grande atenção foi dada para educá-los para o futuro.

Os pais eram responsáveis por sua conduta e eram os principais professores. Ambos, pai e mãe eram responsáveis, mas a principal responsabilidade

na cultura patriarcal foi dada ao pai, embora passagens como Tb 1,8 indiquem que as mulheres (neste caso, a avó de Tobit) também instruíam as crianças.

Crenshaw (1998) afirma que os ciclos religiosos da tradição como se viam no lar, proporcionaram muitos momentos de ensino para o jovem filho do judeu. Festivais e festas foram uma ferramenta de ensino proeminente. A Páscoa, a Festa das Semanas e o Festival dos Tabernáculos proporcionaram oportunidades para que as crianças fizessem perguntas e aprendessem. Estas festas eram praticadas pelos judeus para reafirmarem sua fé e o seu conhecimento nas Escrituras e na Lei.

Crenshaw (1998) afirma que durante esse período, uma educação mais formal começou a surgir. Os meninos eram ensinados a ler e a escrever. A educação elementar na infância ensinava o menino judeu a ler e a memorizar porções da Bíblia Hebraica, especialmente o Pentateuco. A educação primária dava ao menino judeu um profundo conhecimento da história mosaica e de sua própria história. No ensino superior era dado um estudo detalhado da Lei – em sua prática e definição. As meninas recebiam instruções em tarefas domésticas, como: fiação, tecelagem, preparação de alimentos e o cuidado com as crianças.

Davies (1998) diz que as mulheres também foram formalmente treinadas em questões como obstetrícia e remédios. Outras oportunidades educacionais existiam para as mulheres, especialmente as das classes mais ricas.

A avó de Tobit teve um treinamento prévio. Há um debate na Mishnah sobre a educação das mulheres, o que significava que alguns rabinos consideravam as mulheres candidatas adequadas para a escolaridade; as tradições bíblicas também apoiam essa visão da educação feminina. Os arquivos de Babata (comentário do Talmude) apresentam evidências de uma mulher educada, assim como o Papiro Elefantino (em Mibtachiah).

O espírito humano descobriu e cultivou no decorrer de sua história, vários meios de expressar e fixar o conhecimento adquirido. Ao abordarmos os sábios de Israel do lado de fora, vemos uma peculiaridade que será a primeira realidade que nos surpreende, uma particularidade que nos une, apesar da extrema diversidade na forma e no conteúdo: o seu ensinamento que é expresso de forma poética, sendo assim, considerada uma poesia.

Esta característica não pode ser considerada como um acidente sem importância, esta particularidade não pode ser separada do fenômeno do

conhecimento em Israel e nos povos vizinhos como se fosse um complemento accidental, uma vez que foi através da concepção poética que se dá o conhecimento.

De fato, é impossível tratar o fenômeno da expressão poética como uma transfiguração de experiências, um esvaziamento de sua realidade do interior do homem, uma vez que a própria realidade é muito menos incisiva no plano estético. Não podemos considerar uma questão que diz respeito à aparência mais do que a sua substância. Crenshaw (1998) mostra que esta concepção essencialmente subjetiva da estética, prevaleceu de forma geral no século XIX a.C.

O conhecimento forma uma parte do evento em si: o conhecer. Se formos honestos, toda a arte é imitação do real. Mas tal realização de um processo do saber e da mudança do saber é cumprida sempre. O corpo é enfatizado em uma dimensão de verdade cuja validade pode ser reconhecida por qualquer pessoa.

1.5 A ARTE COMO APRENDIZADO NA BÍBLIA HEBRAICA

Alter (1998) descreve que a arte antiga, a cada dia que passa está desaparecendo. Ele usa dois exemplos para falar deste assunto: informa que talvez fosse necessário tomar o desaparecimento quase total da epigrama e do apotegma na vida do homem moderno e na poesia recente para entendermos a importância da arte. De um modo geral, tomamos consciência da singularidade desta atividade extraordinária do espírito humano que tão predominante tem o papel executado em todas as civilizações e que vem sendo deixada de lado. Raramente encontramos pessoas para quem o elenco de ditos significa mais do que formas retóricas, e cuja vida e reflexão enraíza-se nestes auxiliares da existência. Utilizando-os como indicadores indispensáveis nas decisões — grandes ou pequenas — a serem feitas.

Estamos quase tentados a perguntar se, pessoas modernas, não perdemos toda uma dimensão do conhecimento específico do mundo, perdendo assim a epigrama. No que diz respeito a Israel, questiona-se se esta proverbial sabedoria não era mais importante do que os próprios dez mandamentos — invocados apenas raramente nas grandes festividades — quando se tratava de tomar decisões da vida cotidiana, de se orientar na selva da existência cotidiana.

Este elenco proverbial de Israel era, evidentemente, muito diversificado na natureza, por causa de suas origens e formas. Muito do que poderia vir de uma sabedoria popular muito antiga; como o resto foi capaz de obter a partir de livros,

mesmo estrangeiros, e se tornar popular através das escolas. Assim como na Idade Média, os escritores latinos foram explorados didaticamente nos convento-escolas. Somente assim, as escolas de Israel teriam lidado com o elenco proverbial do antigo Egito ou do Edom.

Se o provérbio popular mostra uma tendência à língua para enobrecer o indivíduo, o escritor dos Provérbios gosta de um estilo com um determinado realce, o julgamento artístico saído destas escolas distingue-se daquele com um cuidado mais profundo da forma e conteúdo do texto.

Tanto para Israel como para os outros povos do Oriente Antigo, a expressão poética mais elementar foi o *paralelismus membrorum* (membros paralelos), em que o poeta é forçado a expressar uma ideia com dois aspectos; em dois versos, foi dito o suficiente desde os tempos antigos a sabedoria era em homenagem a este tipo de “rima de pensamento”, como foi justamente chamado. Indiscutivelmente, oferece ao poeta uma mina inesgotável de possibilidades de modulação poética do pensamento.

Mas esse paralelismo é igualmente apropriado para a transmissão do conhecimento adquirido. Não é a duplicação essencial de cada sentença que conduz a alguma confusão e assim a uma perda de precisão. No caso de tal expressão de conhecimento, teríamos de procurar a maior justificação conceitual possível. Mas não é isso que se passa aqui. A precisão conceitual não é procurada, mas da silhueta do que temos em nossas almas; tanto quanto possível, em toda a sua amplitude.

No que diz respeito a isso, o livro de Provérbios é costurado com expressões plásticas incomparáveis e muito precisas. O Antigo Israel também conhecia a obrigação de ser exato na linguagem. Mas não exigia tal pontualidade quando se tratava da formação do conceito, para transmitir esses fatos já estabelecidos.

Além disso, o último exemplo tem uma construção sintática (o verbo e o complemento se cruzam), e oferece, conseqüentemente, um refinamento estilístico particular, de que não é raro ver a poesia hebraica bem distribuída: “O que despreza o seu próximo carece de entendimento, mas o homem entendido se mantém calado” (Pr 11,12). “Não havendo sábios conselhos, o povo cai, mas na multidão de conselhos há segurança” (Pr 11,14). “As palavras suaves são favos de mel, doces para a alma, e saúde para os ossos” (Pr 16,24). “O servo prudente dominará sobre o filho que faz envergonhar; e repartirá a herança entre os irmãos” (Pr 17,2). “A

morte e a vida estão no poder da língua; e aquele que a ama comerá do seu fruto” (Pr 18,21).

Eaton (1989) afirma que o segundo membro não se repete, mesmo que seja para modificá-lo, o que o primeiro disse. Também não diz o contrário. A característica é que a ideia continua; mais frequentemente o que não é uma graduação que dá forma a outra nova ideia. A primeira afirmação ultrapassa-se na segunda. Mas tudo isso está indo na mesma direção que deve ser prolongado na frase.

A poesia deve ser dada algo particularmente marcante, entre as muitas direções possíveis de prolongamento. Muitas vezes é uma generalização, muitas vezes é também uma especificação que conclui o ditado. Os provérbios comparativamente formulados sempre foram particularmente apreciados, especialmente na coleção Pr 25-27.

1.6 A POESIA DIDÁTICA COMO ENSINO

A poesia faz parte da vida humana. No Antigo Israel fazia parte da sua vida e do culto aos deuses. Há inúmeras passagens nos livros bíblicos, principalmente no livro que estamos analisando que é Provérbios. Este livro é elaborado de uma forma poética. Essa poesia é denominada de poesia didática.

Alter (1998) afirma que para esta forma de expressão simbólica, num período do Antigo Israel houve um período sem escolas. A tribo e a família eram as principais instituições e locais educacionais. Pais e parentes eram os professores quase únicos das crianças na vida privada.

Durante esse período surgiram duas ordens: os sacerdotes e os profetas. Eles desempenharam funções mais importantes como professores públicos de cuja orientação surgiu uma rica herança da literatura nacional, tanto oral quanto escrita. No final desse período surgiu um Livro de Instruções nacional, o qual foi adotado. Esse foi o passo mais visível no começo do movimento que deveria fazer dos hebreus no período pós-exílico um povo de alegrias e escolas.

Durante o período antigo, o ideal popular de masculinidade era duplo: o homem de arte e de astúcia; força e coragem. O ideal de homem é representado pelo parcimonioso pastor e o fazendeiro, o astuto cavalheiro, o discernente e justo

juiz e o astuto guerreiro. O homem de força e coragem é representado pelo robusto e ousado caçador e soldado.

Embora a vida patriarcal, como ilustrado nas Escrituras, seja sem dúvida muito idealizada, o caráter de Jacó pode ser aceito como uma personificação clara e vigorosa de um aspecto desse ideal popular: um homem de astúcia, se necessário for, enganador e desonesto, valorizando muito sua herança religiosa, vindo por criar contra todas as probabilidades. Representantes do ideal físico devem ser recebidos por todos os lados nas primeiras narrativas e lendas: Jefté e outros heróis tribais ou juízes; Saul, que ficava mais alto nos ombros e para cima do que qualquer outro indivíduo em Israel; Davi, que matou seus dez mil guerreiros.

Alter (1998) afirma que é necessário reunir todas estas formas literárias com as quais as sentenças de Israel foram expressas com vista ao ensino. A possibilidade e a necessidade, de abranger tal conhecimento de uma forma ou de outra vinham impostas de acordo com o assunto a ser ensinado e a situação de que ele ensinou.

Mas será impossível fornecer a prova em cada caso particular e que em determinado conhecimento poderia somente ser expresso deste modo e não com o outro modelo. Por outro lado, apenas em alguns casos foi uma fórmula neutra escolhida como uma forma literária, por isso é aconselhável se agarrar a algumas ideias especialmente características do texto hebraico.

Os sacerdotes (*kohanim*) foram sendo treinados em todos os livros da *Torah*. Os métodos das comunidades de profetas (*nebiim*) indubitavelmente adaptado a algum tipo de provisão para treinamento especial aos membros dessas ordens. Mas para as massas das pessoas não havia escolas, a educação era principalmente um treinamento de acordo com o sexo nos deveres práticos da vida cotidiana. Essa forma aplicada era a poesia. Esse treinamento também foi ministrado, as pessoas primitivas, de forma menos intensa.

Em certos aspectos, a educação era mais ampla do que em épocas anteriores, devido ao fato de que os esportes (físicos), a dança e a música eram mais universalmente cultivadas. O acampamento, as assembleias públicas, os templos religiosos e os festivais seculares complementavam o treinamento dado por ocupações.

De Vaux (2004) analisa a educação em duas áreas de tratamento, sendo uma, na tribo e na família e a outra fora da família.

A consideração da família como instituição educacional será reservada, em grande parte, para o período pós-exílico, devido à escassez e incerteza do nosso conhecimento sobre condições durante o período nativo.

Com respeito à educação tribal e familiar, o presente capítulo tentará responder simplesmente às perguntas: quem foi ensinado, quem ensinou e o que foi ensinado.

Frazer (1890) mostra que após o assentamento em Canaã a família se tornou uma unidade social fundamental e a formação e instrução das crianças tornou-se quase inteiramente uma questão de responsabilidade parental. Em alguns casos, porém, os pais delegaram a educação de seus filhos a outras pessoas.

As Escrituras contêm referências a mães que amamentam, enfermeiras e enfermeiros que ajudavam na criação dos filhos. Em Rute, o filho foi amamentado por uma ama de leite. O filho de quatro anos de Jonathan estava a cargo de uma ama e os setenta filhos do rei Acabe foram criados pelos grandes homens de Samaria. Sem dúvida, os hebreus, desde os primeiros tempos, em comum com outros povos primitivos, conscientemente ou incondicionalmente, reconheceram períodos distintos na infância.

Durante o período do nomadismo e por um tempo considerável após o assentamento em Canaã, o membro da tribo olhou para a vida de um pastor, de um guerreiro e do caçador como formas de vida. Essas ocupações foram adicionadas ao assentamento: a agricultura, a construção, negócios e as atividades de artesanato. Após o estabelecimento da monarquia e da ascensão das cidades, os ofícios e oficiais tiveram uma variedade considerável desenvolvida.

De Vaux (2004) mostra que os ofícios e ocupações industriais mais importantes passaram a ser: (1) agricultura, (2) criação de gado e pastoreio, (3) pesca, (4) mineração, (5) construção, (6) carpintaria e marcenaria, (7) metalurgia, (8) fiação, (9) tecelagem, (10) tingimento, (11) curtimento, (12) fabricação de tendas, (13) fabricação de cerâmica, (14) fabricação de ferramentas para uso em ofícios e artesanato.

Implementações e processos eram simples, no entanto, todas as ocupações valorizavam a força e a destreza física. No acampamento, em marcha, em pastagens, em lojas ou no mercado, o menino, sob a direção de seu pai ou parentes mais velhos, aprendia a realizar as tarefas de sua idade. Os problemas políticos, militares e as condições sociais tornavam os meninos mais preparados para o

treinamento industrial tornando-os homens prontos a qualquer momento para responder ao chamado à guerra usando as armas.

1.7 PROVÉRBIOS NUMÉRICOS E O ENSINO

Os provérbios são derivados da cultura popular e tomam parte do ensino em todas as culturas. No Antigo Israel os provérbios tinham várias formas, dentre elas, a denominada de provérbios numéricos. Como funcionam estes tipos de provérbios? Eles são utilizados com as letras do alfabeto hebraico, e funcionam com números nas estrofes de cada seção. Por exemplo: a letra hebraica *aleph* é o número 1 e assim sucessivamente. O Salmo 119 começa com as letras do alfabeto, assim funciona também no livro de Provérbios.

Heaton (1994) descreve que a numeração das coisas, das formas de ser, e das virtudes, é uma das necessidades mais elementares da ordem de busca do ser humano. Há uma grande abundância de exemplos de formas variadas em todas as civilizações. Nos chamados provérbios numéricos somos confrontados com uma vontade de ordem, profundamente enraizada na humanidade e, certamente, de forma totalmente específica, que foi cultivada não só em Israel, mas nos outros países do velho Oriente e tem retido mais e mais a atenção dos exegetas.

Vemos abaixo algumas formas de provérbios numéricos:

“Estas seis coisas o Senhor odeia, e a sétima a sua alma abomina: Olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, o coração que maquina pensamentos perversos, pés que se apressam a correr para o mal, a testemunha falsa que profere mentiras, e o que semeia contendas entre irmãos” (Pr 6,16-19).

“Por três coisas se alvoroça a terra; e por quatro que não pode suportar: Pelo servo, quando reina; e pelo tolo, quando vive na fartura; Pela mulher odiosa, quando é casada; e pela serva, quando fica herdeira da sua senhora” (Pr 30,21-23).

“Estes três têm um bom andar, e quatro passeiam airosoamente; O leão, o mais forte entre os animais, que não foge de nada; O galgo; o bode também; e o rei a quem não se pode resistir” (Pr 30,29-31).

A introdução destas frases numéricas também tem o caráter de um desafio, porque a menção de figuras e o silêncio do que está sendo pensado provocam o ouvinte e excitam sua curiosidade até mais não ser capaz de entender.

1.8 O POEMA DIDÁTICO COMO APRENDIZADO

Os poemas didáticos são compostos para o aprendizado e para o ensino do conteúdo de cada verso. Eles são compostos de forma didática para o ensino dos leitores.

Gottwald (1998) afirma que o material textual destes poemas dá um material suficiente para um estudo de crítica estilística. Nos estudos realizados até o momento, as várias formas de sentenças têm sido usadas. Citamos alguns poemas didáticos mais notáveis:

Jr 17,10: “Eu, o Senhor, esquadrinho o coração e provo os rins; e isto para dar a cada um segundo os seus caminhos e segundo o fruto das suas ações”.

Ecl 12,13-14: “De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo o homem. Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja, mau”.

Em resumo, os poemas didáticos servem para facilitar a memorização dos conselhos de sabedoria ensinados pelos pais e mestres das crianças e alunos.

1.9 O CONHECIMENTO, O TEMOR DE DEUS E O ENSINO

Heim (2011) afirma que o conhecimento, o temor de Deus e o ensino, vulgarmente conhecidos nas ciências bíblicas têm o nome de sabedoria de Israel. Isto não é referido na literatura didática do Antigo Testamento com um nome único e definitivamente válido para todos os casos. De modo algum a palavra hebraica para a sabedoria (*hokmah*) reivindica qualquer prioridade conceitual; é apenas mais uma entre outros termos.

Há os termos *tebunah* e *binah*, ambos de raiz idêntica, e que traduzimos por “inteligência”. Temos também a palavra *da't* (conhecimento), que ocupa amplo espaço. A palavra *mezimah* (plano, pensamento, coração) também desempenha um papel na instrução e significa pouco mais ou menos o mesmo.

E, finalmente, para não citar mais do que os mais importantes, poderia ser salientado que a palavra *musar*, significa no primeiro termo: correção, mas isso significa que na maioria das vezes o resultado do mesmo é a disciplina, e este termo o aproxima do grego. Podemos ver como os vizinhos de Israel usam todos esses conceitos que aparecem frequentemente agrupados.

Não é incomum que o paralelismo é quase uma sinonímia, às vezes difícil para nós. Naturalmente, estas palavras não são sinônimas no sentido estrito, mas os professores consideram que não estão empregando conceitos puramente diferentes que podem melhorar e mais exatamente apresentar seu objeto, mas, pelo contrário, pela justaposição das palavras com um sentido relacionado.

Os conceitos sabedoria, inteligência e o conhecimento foram e são usados em vários provérbios. Destacamos alguns para o nosso estudo:

Pr 2,6: “Porque o Senhor dá a sabedoria; da sua boca é que vem o conhecimento e o entendimento”.

Pr 2,10-11: “Pois quando a sabedoria entrar no teu coração, e o conhecimento for agradável à tua alma, o bom siso te guardará e a inteligência te conservará”.

Pr 9,10: “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo a prudência”.

Pr 17,27: “O que possui o conhecimento guarda as suas palavras, e o homem de entendimento é de precioso espírito”.

Pr 18,15: “O coração do entendido adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios busca a sabedoria”.

Pr 24,5: “O homem sábio é forte, e o homem de conhecimento consolida a força”.

Concluindo este primeiro capítulo, podemos afirmar que a sabedoria e o conhecimento são formados por sentenças artísticas. O saber e o conhecer podem ser vistos na poesia didática como ensino. Os textos em provérbios em hebraico são numéricos como forma de ensino e eram praticados por mestres e pais de crianças numa forma mais explícita de escrever e aprender a ler.

No Antigo Israel existiam várias formas de ensino. A memória e o decorar trechos bíblicos que passavam de geração a geração, eram inculcados na mente dos discípulos, das crianças. O ensino também podia ser visto através de poemas didáticos como forma de aprendizado.

O ensino e o conhecimento têm o significado das regras para o comportamento social do indivíduo. Sempre este tipo de ensino era para o comportamento moral. A obediência era outra forma de aprendizado, os alunos e filhos que não obedeciam aos pais não eram bem vistos no Antigo Israel. A prática do aprendizado era bem exigida pelos pais ou patriarcas.

Por fim, o conhecimento e o temor de Deus eram considerados idênticos como forma de ensino.

CAPÍTULO 2: OS PROVÉRBIOS BÍBLICOS SOBRE A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Neste capítulo procuramos analisar os textos e versículos que tratam da educação dos filhos em Provérbios. Aqui descreveremos a universalidade dos provérbios como ensino; a definição dos provérbios como forma de ensino; o potencial dos provérbios como pedagogia; os provérbios hebraicos como didática e ensino; a memorização e sabedoria; o paralelismo semântico; e este paralelismo como ensino; os limites do conhecimento e da sabedoria.

2.1 A UNIVERSALIDADE DOS PROVÉRBIOS COMO FORMA DE ENSINO

Os provérbios são universais. Eles estão em todas as culturas e povos. Por isso, são denominados de universais. E eles sempre se relacionam com o conhecimento e a forma de ensino.

Lambert (2018) diz que desde as antigas tábuas de barro da Suméria (cerca de 2500 a.C.) até os provérbios populares da Internet pós-modernos, o provérbio ultrapassou todas as fronteiras culturais, linguísticas e literárias. Isso aparece incorporado em épicos, poemas, músicas, peças de teatro, romances e publicidade moderna, e fica sozinho em uma miríade de coleções proverbiais internacionais e regionais.

O desejo humano de classificar, generalizar e codificar a experiência, filtrado através de ideais e valores da cultura, ajuda a explicar a universalidade do provérbio.

Pode-se dizer que os provérbios são um esquema de compreensão de codificação na mente. A forma proverbial destacável e colecionável foi logo ligada às coleções de provérbios dos sumérios, incluindo as Instruções de Shuruppak, que datam de 2600-1800 a.C., logo após a invenção da escrita. Portanto, são muito antigos. Os agrupamentos proverbiais da Babilônia foram copiados das unilíngues sumérias que são coleções em listas bilíngues, mantendo a mesma sequência e, assim, refletindo o movimento internacional da sabedoria proverbial precoce.

Lambert (2018) mostra que mais tarde, o poema de Ahiqar serviu como sabedoria nas cortes dos assírios (cerca de 700 a.C.), e que este registrou os

provérbios que foram amplamente transmitidos através do Antigo Oriente Próximo e este poema de Ahiqar foi até traduzido para o árabe.

Clifford (1998); Perry (1986) mostram que no Egito também tinha uma longa tradição de instruções proverbiais, geralmente no formato de pai para filho, que se estendem desde o Reino Antigo cerca de 2600-2100 a.C., e por exemplo, Hardjedef, Kagemeni, e o Reino Médio cerca de 2000-1600 a.C. e por exemplo, Ptahhotep e Novo Reino cerca de 1500-1080 a.C., por exemplo, Amenemope, Ani e até os escritos demóticos e os tempos ptolomaicos cerca de 300 a.C. e por exemplo, Ankhsheshonq são citados.

Foram compilados adágios da época clássica grega e romana, como também as coleções em inglês, chinês, europeia e russa que são volumosas. A produção proverbial oral ainda está muito viva no folclore de numerosos grupos no continente africano. A forma proverbial é uma antiga forma universal e culturalmente fluida.

2.2 DEFINIÇÃO DE PROVÉRBIOS COMO ENSINO

Os provérbios são definidos por sua capacidade de memorizar e serem guardados facilmente pelas pessoas mais simples.

Líndez (1999) mostra que na literatura sapiencial no Antigo Egito e na Mesopotâmia a sabedoria aparece como formas do conhecimento.

Goldberg (1998) afirma que a palavra mais usada no Antigo Testamento para sabedoria é *hokmah*, enquanto a raiz verbal *hkm* significa ser sábio. Os sinônimos mais frequentes para sabedoria são entendimento (*binah* e *tebunah*); inteligência como habilidade (*saka*).

Na Bíblia Hebraica, a literatura sapiencial é composta pelos livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e pelos livros apócrifos, ou pseudoepígrafos de Eclesiástico, ou Sirácida, ou Sirach, e Sabedoria de Salomão.

Murphy (1990), Mackane (1976) e Morgan (1981) tratam da história da literatura durante o Período Antigo que se enquadra em dois períodos menores:

(1) A idade da transmissão oral, com literatura oral - idade da música e da história;

(2) A idade da literatura escrita em viagens e negócios. Passagens como Gênesis 31,44-52 e Josué 4 parecem indicar que antes de um amplo conhecimento de leitura e escrita, era costume erigir montes de pedras para indicar o local de

eventos importantes e depois transmitir oralmente de geração em geração, a narrativa a ela associada.

Nielsen (1954) fala das leis, tradições, mitos, canções, enigmas, fábulas, provérbios e orações que foram proferidos oralmente em muitos séculos antes de se comprometerem a escrever. Muitas das tradições de Israel, sem dúvida, continuaram por séculos a serem registradas simplesmente nas mentes das pessoas. Como entre os árabes nômades de hoje, eles foram recontados durante as longas noites ao lado das fogueiras, ou como os pastores que observavam seus rebanhos lentos, ou no segredo do harém, ou nos poços quando as donzelas saíam para tirar água, ou nas festas de casamento e nas festas religiosas.

Murphy (1990), Mackane (1976) e Morgan (1981) relatam que os provérbios provavelmente foram combinados com música e drama e gesto. Muitas vezes, o jovem hebreu acompanhava sua canção com os *kinnor* (instrumentos musicais), de vários instrumentos musicais como: sopro e corda; ou tocava flauta enquanto outros cantavam.

Em certas famílias e em preparação para certos festivais públicos, pode haver alguma provisão para instrução em dançar, cantar, tocar *kinnor* ou o fluir, mas provavelmente a música e a dança foram aprendidas sem nenhuma instrução formal, isto é, as crianças as pegaram assistindo, imitando e de vez em quando ingressando na performance. Foi na maior parte da mesma maneira informal que as crianças de cada geração aprenderam, das mais velhas, baladas, letras, músicas fúnebres, canções patrióticas, cantos e orações.

Líndez (1999, p. 29) pergunta: “Quem são esses personagens anônimos, verdadeiros porta-vozes do sentimento de um povo, que chamamos sábios?” E logo responde:

Na antiguidade chamava-se sábio a pessoa que possuía maestria, habilidade em qualquer área da atividade humana. Em todo o Oriente Médio antigo, a raiz *hkm*, como adjetivo ou substantivo, designava a pessoa experiente em qualquer coisa, da magia aos trabalhos manuais ou de alta especulação (LÍNDEZ, 1999, p. 29).

O *hakam*, portanto, pensa no saber e no conhecer todas as coisas e tem escolas e seguidores, aprendizes. Em Sir 51,23, se fala do ensino *beit hammidrash* (casa do ensino), e outros que possuem a profissão de escribas *sofer*, com relação aos que têm a profissão da sabedoria. Eles estudam a *Torah*, a lei, e a transmitem

aos jovens (Sir 39,1). O autor do livro de Jó mostra figuras desconhecidas que eram homens sábios: Elifaz, Bildade e Zofar. O livro de Provérbios recolhe ditos de sábios, os quais formam posteriormente, uma classe de profissionais que ensinam as escrituras.

A sabedoria, conhecimento e educação começam em casa, na família (Pr 10,1; 15,20; 20,20; 23,22.25; 30,11.17). Os ensinamentos dos pais: *Pirquei Abot* (casa dos pais) são descritos como sábios tendo um programa de conhecimento. Os pais ensinavam a *musar* – disciplina e a *torah* (lei, ensino) em Pr 4,5. A expressão ensino é descrita com a expressão meu filho em Pr 1,8 10.15; 2,1; 3,1.11.21; 4,10.20; 5,1.20; 6,1.3.20; 7,1; 19,27; 23,19.26; 24,13.21; 27,11. O filho aqui é entendido como metáfora indicando o sentido de mestre, pupilo e suas relações. Em Pr 1-9 tem um papel importante ao treinar os seus filhos.

Pedersen (1998) mostra que o ensino na literatura sapiencial pode ser no estágio oral e pré-literário nos escritos sapienciais. Esta reflexão pode ser vista em Dt 6,4-6, no estágio oral. As sociedades tidas como tribais e primitivas não tinham a escrita e o alfabeto, mas passavam seus ensinamentos oralmente e depois começaram a escrever.

Do escrito codificaram e canonizaram seus escritos. Somente com a instrução e o ensino pode ser possível fazer a administração e a contabilidade nos palácios reais surgindo os números e o alfabeto depois os escritos. Em Israel Antigo, isto tornou possível administrar os negócios do rei e do reino e em seguida escreveram as suas histórias e as formas religiosas.

Encontramos ditos que formam os ditos sapienciais, como do rei Ezequias em Pr 25,1: “Também estes são provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá”. Estes ditos eram para serem comunicados, decorados e passados de geração a geração pelos sucessores dos sucessores. A expressão literária era usada formal e como forma de educação. Tudo isto é cópia dos sábios egípcios e mesopotâmicos. A sabedoria é aplicada e associada aos governadores e políticos da época e ao povo de Deus em 1 Rs 3,6-14. A sabedoria real estava ligada aos conselheiros dos reis (*yoesim*) que provêm a *esa* (saber) aos governadores.

Murphy (1990), Mackane (1976) e Morgan (1981) falam que Aitofel é conselheiro mor do rei Davi; avisa e aconselha sobre Absalão no oráculo divino em 2 Sam 16,20-23. Absalão rejeita o conselho do rei Roboão. Este tem conselheiros em

1 Rs 12,6 e são denominados como conselheiros deste rei. O ensino ou uma sabedoria (*hakam*) são dados pelos profetas e sábios em relação à lei (*Torah*) em Jer 18,18. Em Jer 8,8, o sábio é identificado como escribas ou *soferim* (sábios escritores). Em relação à corte real o conselheiro tem o papel de um sábio e de um educador treinado nas cortes futuras.

A educação, entretanto, surge entre perspectivas populares. Não há uma instituição educacional no Antigo Israel. Não existem escolas como havia no Egito e na Mesopotâmia. Haverá similares, mas posteriores às instituições do Antigo Israel. Com Israel ascendendo aos períodos de Davi e de Salomão, alguns sacerdotes foram treinados para o apoio burocrático do novo governo em Israel com um sistema de novos oficiais: escribas e levitas e que podem ser encontrados em listas em 2 Sam 8,15-18; 20,23-36 e 1 Rs 4,1-6.

Murphy (1990), Mackane (1976) e Morgan (1981) tratam do papel dos homens de Ezequias; Pr 25,1 sugere a existência de uma escola na corte. Claro está a influência dos egípcios com a sabedoria de Amenemope em Pr 22,17-24,22, e os escribas treinados. Na *Torah* são mencionados os levitas e os escribas – *sofer*, que são os escriturários de textos legais e religiosos, litúrgicos, políticos e literários na transcrição oficial dos documentos da lei, dos profetas e dos escritos, *Tanak* (*Torah* [lei], *Nebiim* [profetas], *Ketubim* [escritos]). Por último, os escribas tiveram um papel importante na atividade literária, administrativa, contabilista e no ensino.

O provérbio pode ser descrito como tendo três características: poucas palavras, bom senso e uma imagem excelente. O paremiologista (estudioso de paronímia, para “provérbio”), o qual define o provérbio como um pequeno ditado, conhecido geralmente como frase do povo que contém sabedoria, verdade, moral e visões tradicionais de forma metafórica, fixa textos para serem transmitidos de geração em geração.

Quanto ao termo hebraico *mashal*, frequentemente pode ser traduzido como provérbio, e pode incluir unidades mais longas, como instruções de ensino (Pr 1, 10-19). Os provérbios podem ser: paralelos e numéricos (Pr 30,29-31), mas podem surgir como acróstico (Pr 31,10-31); frequentemente usado para sentenças proverbiais curtas (Pr 10-22). Mesmo o modelo de provérbio como forma de sabedoria, deve ter uma compreensão de forma de pensamento e de expressão.

A definição de Provérbios se encaixa bem com os Provérbios bíblicos:

(1) Os provérbios são de formas curtas e breves (em Pr 10-29), as frases são curtas e geralmente de formas independentes;

(2) Os provérbios são usados entre as pessoas; como diz o provérbio dos antigos em 1 Sm 24,13, como oposto ao profético: assim diz o Senhor;

(3) Os provérbios são metafóricos por exemplo: a língua é como prata escolhida em Pr 10,20;

(4) As formas proverbiais são fixadas por exemplo: provérbios melhores em Pr 19,1, mas abertos a variações em comparação com Pr 10,1 com Pr 17,25;

(5) Os provérbios oferecem conselhos sábios e moralistas por exemplo: contraste justo / iníquo em Pr 10,3; em contraste de sábio / tolo Pr 10,8;

(6) Os provérbios são transmitidos intergeracionalmente como em Pr 4,3-4, o pai diz a seu filho ouvir os conselhos que seu pai lhe deu; veja também Pr 31,1-9.

Perry (1986) diz que paremiologista vem do grego que significa coleção/coletor de provérbios estruturais e que tem observado que as oposições binárias (+/-) entre o tópico e o comentário geralmente caracterizam sentenças proverbiais. Paremiologia vem da palavra grega *paroimia*. A dupla oposição binária que se rotula estrutura quadripartida, embora não seja absolutamente universal, é frequentemente vista nas formulações proverbiais bíblicas. Por exemplo, Pr 10,4, fala sobre isto.

Pedersen (1998) descreve que os estudos paremiológicos são como os provérbios modernos e são traduzidos de uma cultura para outra (1 Reis 4,31-34; Pr 30,1; 31,1). Tais transições proverbiais modernas e interculturais podem lançar luz sobre conexões entre Provérbios 22 e o Amenemope egípcio. Além disso, eles ofereceram maneiras de conceituar e analisar provérbios.

Westermann (1986) mostra que os paremiologistas também desenvolveram modelos para rastrear um provérbio e suas variantes historicamente através de mil anos e através de inúmeras culturas. Eles exploraram o uso de provérbios africanos, que proporcionam grande vantagem para entender a formação de Provérbios bíblicos e contextos em que eles funcionavam.

Em resumo, os estudos literários modernos enriquecem a exegese do texto bíblico. Os estudos paremiológicos dão perspectivas e esclarecem como os Provérbios bíblicos funcionam. O enriquecedor diálogo entre estudiosos de Provérbios bíblicos e paremiologistas está em seu começo.

2.3 O POTENCIAL DOS PROVÉRBIOS COMO ENSINO

Os provérbios possuem um grande potencial para ensinar as pessoas. Pois usam técnicas já mencionadas como a memória, a repetição, números, poesias e combinações poéticas.

Pinto (2018) afirma que um provérbio é criado a partir de uma situação singular: Vemos em 1 Sm 10,12: “Então um homem dali respondeu, e disse: Pois quem é o pai deles? Pelo que se tornou em provérbio: Está Saul também entre os profetas?”.

Observado o padrão, ele é isolado e uma inferência geral é formulada. Isso indutivamente, dedutivamente ou analogicamente é destinada de forma concisa, como uma declaração poeticamente trabalhada. O provérbio é então, destacado daquele original ambiente a ser usado como um ditado intergeracional tradicional de um povo de mil contextos diversos.

Muitas vezes, é transformado e torcido com o uso por exemplo: traços diferentes para pessoas diferentes; as esperanças diferentes para pessoas diferentes: Pr 13,14: “A doutrina do sábio é uma fonte de vida para se desviar dos laços da morte”, com 14,27: “A coroa dos sábios é a sua riqueza, a estultícia dos tolos é só estultícia”.

Os ditos tradicionais são reunidos pelos editores em coleções. Essas coleções são ensinadas a crianças, estudantes, escribas e funcionários em residências, escolas e cortes reais. O provérbio individual aprendido na coleção é posteriormente recontextualizado ou instanciado em uma centena de contextos diferentes, liberando seu potencial em novas situações. Podemos ver em Pr 10,12: “O ódio excita contendas, mas o amor cobre todos os pecados”.

Concluimos que os provérbios que foram destacados de suas originais situações em coleções estéreis estão “mortos”. No entanto, uma vez destacado ou descontextualizado em uma coleção, o provérbio coletado se torna muito mais flexível e ganha possibilidades multisssemânticas e polissemânticas situacionais, em adaptabilidade em termos de uso futuro. Seu potencial é virtual na coleta e realizado quando é recolocado e recontextualizado.

Fontaine (1996) mostra como os provérbios são entendidos e que mudam quando são retirados de uma coleção e colocados em diversas e novas situações de interação. Portanto, pode-se citar Pr 10,1: “O filho sábio alegra a seu pai, mas o

filho insensato é a tristeza de sua mãe”. Para incentivar uma criança, a tomar uma decisão sábia, ela deve desafiar os pais a demonstrarem emoção. Depois disso, o pai agradecerá o filho adulto e fiel ou será criticado a respondê-lo.

O potencial virtual dos provérbios coletados poderá ser realizado de várias maneiras quando são recontextualizados em cada nova situação internacional.

2.4 O USO DO PROVÉRPIO PARA O ENSINO

Ao usar o provérbio, o escritor hebraico facilita a vida e o ensino para as pessoas. O provérbio tem características fundamentais do esquema poético que pode ser esboçado da seguinte maneira: A, B, C e A', B', C' ou A, B, C e C, B, A. Existem outros tipos de estrofes.

Rochenberg (1984) mostra que os provérbios são unidades destacáveis projetadas para a recolocação conversacional em novas situações. A importância do uso proverbial é claramente reconhecida no livro de Provérbios:

Pr 26,7-9: “Como as pernas do coxo, que pendem flácidas, assim é o provérbio na boca dos tolos. Como o que arma a funda com pedra preciosa, assim é aquele que concede honra ao tolo. Como o espinho que entra na mão do bêbado, assim é o provérbio na boca dos tolos”.

Não apenas o conteúdo do que é dito deve ser entendido, mas também o real impacto da declaração no ouvinte deve ser cuidadosamente observado. Isso nos leva a ver a citação:

Pr 14,15-16: “O simples dá crédito a cada palavra, mas o prudente atenta para os seus passos. O sábio teme, e desvia-se do mal, mas o tolo se encoleriza, e dá-se por seguro”.

Imagine facilmente recontextualizado esse mesmo provérbio em uma ampla variedade de atos de fala e contextos para expor, humilhar, repreender, zombar, advertir, orientar, incentivar, avaliar, provocar humor, causar reflexão ou instruir, entre outros. Assim, a situação de uso é tão importante na definição do seu significado atual quanto uma análise do conteúdo semântico / sintático do provérbio e seu *Sitz im Leben* original.

A cultura também desempenha um papel na determinação de como um provérbio deve ser entendido. Em alguns países da Europa tem o ditado: “Uma pedra rolante não recolhe musgo”, e indica a necessidade de acompanhar com as

tendências modernas, para que o musgo indesejável cresça e revele a falta de vitalidade.

Rochenberg (1984) descreve que na Inglaterra o mesmo provérbio significa que, se as coisas estão continuamente em fluxo, as características desejáveis (são como musgo) não terão estabilidade suficiente para prosperar. A cultura afeta como os provérbios são interpretados, e é preciso fazer um esforço para entender tanto a cultura de origem quanto a cultura atual de uso.

Quando o provérbio é instanciado, e é citado como proveniente de uma comunidade, e não como originário de um autor específico: como se diz em 1 Sm 10,11-12: “E aconteceu que, como todos os que antes o conheciam viram que ele profetizava com os profetas, então disse o povo, cada um ao seu companheiro: Que é o que sucedeu ao filho de Quis? Está também Saul entre os profetas? Então um homem dali respondeu, e disse: Pois quem é o pai deles? Pelo que se tornou em provérbio: Está Saul também entre os profetas?” e 1 Sm 19,24: “E ele também despiu as suas vestes, e profetizou diante de Samuel, e esteve nu por terra todo aquele dia e toda aquela noite; por isso se diz: Está também Saul entre os profetas?”.

O lugar da autoridade é retirado do orador usando o provérbio a uma tradição indireta coletiva.

Os Provérbios também funcionam para estabelecer, manter e restabelecer relações sociais e reforçar solidariedade e normas aceitas que unem uma comunidade; como nos amigos do trabalho.

2.5 PROVÉRBIOS HEBRAICOS COMO ENSINO

2.5.1 *Mashal* - sabedoria/conhecimento

Os provérbios são denominados em hebraico como *mashal* e que servem para ensinar as pessoas.

Rollston (2010) mostra que o termo traduzido provérbios no título do livro de Provérbios, *mashal*, significa: semelhança ou semelhança de algo. Há uma diversidade de gêneros marcados com a etiqueta *mashal*: ditados populares (Jr 23,28; 31,29), aforismos literários (Pr 10,1-22,16), canções de provocação (Is 14,4;

Mq 2,4; Hab 2,6-8), palavras-chave (Dt 28,37; 1 Rs 9,7) e alegorias (Ez 17,1-10; 20; 45-49).

O *mashal* solicita que se reflita e faça conexões mapeando os ideais expressos no texto nas situações atuais.

2.5.2 Técnicas de som e memorização

As formas mais simples de técnicas de som e de memorização são as de sons e de assonâncias. Podem ocorrer como sons de animais ou de sons inarticulados.

Rollston (2010) fala dos provérbios do livro de Provérbios que foram criados em forma poética. Exemplos modernos mostrando o significado do som podem ser vistos em frases como: Pr 17,9: “Aquele que encobre a transgressão busca a amizade, mas o que revolve o assunto separa os maiores amigos”.

É claro que os sábios que originalmente criavam provérbios eram profundamente sensíveis ao som de suas palavras. Por exemplo: Provérbios 10,9a: *hólēk battōm yēlek betah* - “quem anda honestamente anda com segurança”.

Observe o simétrico (final - *ek* seguido de *b + t* inicial), uma repetição sonora. Isso reforça a repetição de palavra / raiz: caminhada (*hólēk / yēlek*). Não é surpresa que quem editou as coleções também usou o som para vincular as frases proverbiais em formas mais longas. Lendo Pr 11,9-10 encontramos a preposição começa com “*by*” ou “*bě*”: “O ímpio com a boca destrói o próximo, mas os justos são libertados pelo conhecimento. No bem-estar dos justos exulta a cidade, e, perecendo os perversos, há júbilo” (Pr 11,9-10).

2.5.3 Paralelismo semântico

O paralelismo é o mais significativo e frequente dispositivo poético usado em provérbios hebraicos. As categorias a seguir fornecem informações básicas. Trata-se de como as duas linhas paralelas estão relacionadas. Foram desenvolvidas as três primeiras categorias depois de levar em consideração crítica A, e mais, B da descrição padrão no século XIX como: sinonímico, antitético, sintético. As sentenças proverbiais dos provérbios capítulos 10 a 29 têm mais frequentemente linhas paralelas opostas.

2.5.4 Afirmando o paralelismo

Em Provérbios 16,28, tem este modo de *paralelismus membrorum*. Nesta configuração paralela:

Provérbios 16,28 (ABC / A'B'C'):

- (1) O homem perverso instiga a contenda;
- (2) E o intrigante separa os maiores amigos.

2.5.5 Os professores e a moral

Lambert (2018) mostra que o declínio de sacerdotes e profetas como professores surgiu na época do exílio. A referência ao crescimento da importância política dos pais ou patriarcas (*Pirqei Abot*) após a restauração de Jerusalém no retorno do cativeiro da Babilônia. Cada vez mais seus números, riqueza e poder aumentaram. Não era mais possível para todos os membros deste vasto exército envolver-se ativamente no tempo todo em rituais e cerimônias.

O mesmo autor (2018) diz que os educadores foram organizados em vinte e quatro cursos ou famílias. Os cursos alternavam e cada curso durava uma semana e iniciando seus deveres de estudos, oferecendo o sacrifício da noite do sábado. A existência de um vasto sacerdócio que estabelecia detalhadamente regulamentos que governam todas as fases dos estudos. E que conduzia a abolição da necessidade do tipo de instrução dos sacerdotes e dos profetas em tempos anteriores. Essa função agora podia ser confiada a professores leigos cuja tarefa era estar transmitindo e interpretando os dados já existentes.

Esse fato combinado com o aumento do número de trabalhos e a complexidade, elaboração dos ritos do templo e no aumento das atividades políticas e administrativas dos sacerdotes resultou na transferência gradual da maior parte da função de ensino dos sacerdotes e profetas para uma ordem de ensino recém-criada: os *soferim* ou escribas.

2.5.5.1 Os *soferim* ou escribas

Os *soferim* ou escribas eram na verdade, os que se tornaram os professores da Lei, mas os patriarcas ainda continuavam sendo os grandes professores do povo em formas de adoração. Além disso, alguns sacerdotes também eram escribas famosos e essa capacidade foi dada aos professores da lei, da *Torah*.

Davies (1998) mostra como a arte de escrever, já foi mostrada anteriormente. Esta arte era conhecida e empregada desde cedo por patriarcas, profetas, secretários, os levitas e outros. Também foi demonstrado como o exílio o qual trouxe o renascimento e este aumentou muito o corpo da literatura.

O significado original do termo *soferim* era que determinadas pessoas sabiam escrever. Foi, portanto, aplicado aos cronistas, os escritores da corte ou os secretários reais este termo. Como a capacidade de escrever passou a ser geralmente aceita como a marca do homem instruído ou aquele que instrui, o termo passou a ser empregado para um homem sábio. Vemos em 1 Cr 27,32: “E Jônatas, tio de Davi, era do conselho, homem entendido, e também escriba; e Jeiel, filho de Hacmoni, estava com os filhos do rei”.

Davies (1998) afirma que após a restauração do Templo de Jerusalém, a comunidade judaica, sob a liderança do sacerdote-escriba, Esdras, comprometeu-se a observar a Lei escrita. Fala que deveria haver professores e intérpretes para tal situação ou ocasião.

A lei foi escrita em hebraico antigo, uma língua quase desconhecida pelas massas ou o povo simples. A maioria das pessoas falavam aramaico ou grego como línguas da época. Como resultado dessas condições, os que eram capazes de ler as Escrituras no hebraico original e interpretá-las para o povo formaram uma classe de ensino distinta.

Por fim, os *soferim* chegaram a ser usados para designar especificamente esse grande corpo de professores. Desde a época de Esdras até a de Simeão pouco tempo antes do Novo Testamento, o Justo era este homem um contemporâneo de Alexandre, o Grande, imperador Grego.

Blenkinsopp (1995) descreve que aparecem após o período de Simeão, o Justo, vários tipos de professores que tinham um estilo mais geral dos antigos anciãos, *lekenim*, mais tarde sábios, *hakhamim*, enquanto os *soferim* às vezes eram usados como uma denominação honorífica. Ainda mais tarde, os *soferim* tornaram-se sinônimo de professores de crianças pequenas.

À medida que as condições se tornaram mais definidas em toda a Judéia, os escribas chegaram às partes mais remotas. Com o tempo, uma poderosa *guilda* (seguidores) de escribas foi organizada por todos os professores que pertenciam e que monopolizavam a profissão de professor. Na época do cronista, três fileiras de professores aparecem:

- (1) O *hazzan* ou professor do ensino fundamental;
- (2) O escriba era o escritor oficial;
- (3) O sábio aquele que dominava o conhecimento.

Blenkinsopp (1995) mostra os parágrafos seguintes, escritos por Jesus ben Sira (que floresceu na primeira parte do século II a.C.). Ele apresenta a descrição mais completa de um escriba ideal que era o modelo final do escriba. O escriba ideal que desceu até nós a partir desse período. O divórcio feito por ben Sira entre a vida de estudo e a de ocupações comerciais e seu desprezo pelo trabalho manual não devem, no entanto, ser considerados como necessariamente representando uma atitude universal.

2.5.5.2 Jesus ben Sira (Sirácida) sobre a glória de ser um escriba

Segundo o escritor Jesus ben Sira, os escritores bíblicos foram denominados como os professores e mestres em Israel. O ensino e o modo de escrever são determinantes para a glória de Israel (Eclo 38,24-39,11).

Sarna (2007); Schmid (2013) falam que a sabedoria de um homem instruído vem pelo seu falar: Pr 14,3: “Na boca do tolo está a punição da soberba, mas os sábios se conservam pelos próprios lábios”.

Blenkinsopp (1995) descreve que aquele que se dedica à lei do Altíssimo e está ocupado em sua meditação, buscará a sabedoria n’Ele e será ocupado em profecias. Ele guardará as palavras de homens de renome; e onde estão parábolas sutis, ele também estará lá. Ele procurará os segredos das sentenças graves e será conversado em parábolas escuras.

Um dos importantes elementos da cultura do Antigo Israel é a educação moral. A moral é um conjunto de costumes, regras e formas de pensar de uma sociedade. No período do Antigo Israel, a educação moral como qualquer outro tipo de educação havia sido recebida quase inteiramente por meio de treinamento. Esse

treinamento em nenhum sentido cessou após o exílio; no entanto, os judeus se tornaram cada vez mais um povo do livro, e a literatura escrita tornou-se cada vez mais importante como um canal de educação em costumes e maneiras bem como na religião. Ninguém jamais produziu um corpo de literatura tão rico em ensinamentos morais ou tão amplo e tão variado quanto sua possível aplicação.

Davies (1998) fala que nos escritos anteriores e nessas passagens nos escritos posteriores projetados para crianças, os preceitos morais são declarados dogmaticamente. Mas em muitas partes dos escritos posteriores, os preceitos dogmáticos dão lugar a princípios morais. Consequentemente, o Antigo Testamento é igualmente bem adaptado para a virtude primitiva - e a mente altamente desenvolvida, para o tamanho moral. Instrução de obediência da criança e meditação do filósofo. A obediência absoluta aos pais foi considerada como a virtude cardinal da infância. "Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá" (Ex 20,12).

Sarna (2007) e Sotelo (2017) descrevem que as virtudes morais ensinadas e honradas pelas crianças judias naquele tempo, são as mesmas dos dias de hoje. Estas virtudes morais eram ensinadas através dos provérbios, preceitos morais, salmos, orações, biografias, narrativas históricas, rituais simbólicos, costumes e festivais.

Davies (1998) descreve que os hebreus rodeados por inimigos poderosos e forçados a viverem em um estado de preparação militar contínua, tinham virtudes que estimavam muito, como por exemplo: a coragem, a lealdade aos parentes e ao Deus da nação, a obediência às leis da família, da tribo e da nação, bondade para com os parentes, hospitalidade em relação aos viajantes indefesos.

Encontramos muito presente na educação dos hebreus a virtude da justiça. Todo hebreu é convidado a ser justo. A justiça para um hebreu é a vivência na íntegra da lei.

Segundo Blenkinsopp (1995), a palavra justo em hebraico é *tsédek*, embora saibamos que o termo hebraico não acomoda totalmente nosso mundo ideológico e linguístico. Quando um homem era chamado de *tsadik*, noções e critérios eram vinculados a esse predicado em que pensaríamos primeiro ao chamar alguém de justo.

Em Israel, um homem era qualificado de justo, desde que cumprisse as exigências que a comunidade lhe impunha. Sarna (2007) e Schmid (2013)

descrevem que a palavra hebraica era muito mais ampla. Uma vez que não se limitava à justiça exigida pela jurisdição: sempre que um homem reconhecia e cumpria as demandas emanadas da comunidade à qual pertencia, ele era justo. Pr 20,7: “O justo anda na sua sinceridade; bem-aventurados serão os seus filhos depois dele”.

Blenkinsopp (1995) mostra que o *tsadik* é um homem que, como dizemos ocasionalmente, está em ordem. Traduzimos pela palavra reta ou retidão. Tradução aceitável se tivermos em mente que a Lei que o homem justo cumpre às vezes pode ser uma Lei não escrita, porque implica em demandas humanas muito amplas. É útil observar aqui os contatos estreitos que existiam entre as concepções na Grécia primitiva e as de Israel Antigo.

Na língua grega a palavra justiça, deve ser traduzida por bondade e, por vezes, por mérito - sempre designa em Hesíodo e em outros autores, em virtude pessoal e simultaneamente em bom senso.

Os professores ou mestres se empenhavam em direcionar as crianças e os jovens para o conhecimento correto do bem e do mal, a trilharem o caminho da justiça e da sabedoria. Os professores orientavam as crianças e os jovens para que seguissem a lei: “Guarde a sua língua do mal e os seus lábios da falsidade” (Sl 34,13).

Blenkinsopp (1995) mostra que os professores através da educação moral contida no livro de Provérbios levam as crianças e jovens a tomarem a consciência de não desperdiçarem o bem maior que eles possuem, que é a vida:

Pr 4,7: “A sabedoria é a coisa principal; adquire, pois, a sabedoria, emprega tudo o que possuis na aquisição de entendimento”.

Pr 4,13: “Apega-te à instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida”.

Pr 6,23: “Porque o mandamento é lâmpada, e a lei é luz; e as repreensões da correção são o caminho da vida”.

Pr 13,14: “A doutrina do sábio é uma fonte de vida para se desviar dos laços da morte”.

Pr 19,14: “A casa e os bens são herança dos pais; porém do Senhor vem a esposa prudente”.

Pr 23,17: “O teu coração não inveje os pecadores; antes permanece no temor do Senhor todo dia”.

Concluindo este capítulo, podemos afirmar que os provérbios são universais e se relacionam com o conhecimento e a forma de ensino no Antigo Israel. São de fácil assimilação e memorização. Possuem um grande potencial para ensinar pessoas e de serem guardados, assimilados por estas.

Encontramos nos provérbios um método de ensino, os escribas (*soferim*) que eram os professores da Lei (*Torah*), juntamente com alguns sacerdotes, desenvolviam algumas técnicas como: memorização, repetição, números, poesias e combinações poéticas para seus ouvintes guardarem em suas mentes e vivenciarem.

CAPÍTULO 3: PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO À LUZ DOS PROVÉRBIOS

No primeiro e no segundo capítulos tratamos da educação no Antigo Israel, com suas variantes na Bíblia Hebraica e, especialmente, no livro de Provérbios. Constatamos que a sabedoria e o conhecimento veem desde o período de antes do exílio e vão durar até o período do Novo Testamento, com repercussões históricas até o presente. Dessa forma, destacamos, no livro de Provérbios, indícios de formas de educação, de sabedoria e de conhecimento.

Agora, neste terceiro capítulo abordaremos a pedagogia da libertação à luz dos Provérbios. Faremos uma analogia entre os Provérbios Bíblicos e a pedagogia da libertação. Esse passo hermenêutico visa estabelecer uma relação entre a sabedoria antiga e a moderna pedagogia.

Analisaremos alguns textos bíblicos, fazendo uma comparação com a pedagogia moderna, principalmente na linha de Paulo Freire e a educação libertadora. Faremos uma análise do conceito de Educação. Depois analisaremos a importância da Pedagogia na visão de alguns autores, em seguida, analisaremos a Pedagogia de Paulo Freire e os Provérbios, faremos uma hermenêutica das citações de Provérbios que correspondem a Educação de filhos, por fim, traremos o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei 13.010/14 Lei menino Bernardo: a Lei da Palmada. Esse documento e essa lei norteiam a moderna Educação e a proteção à criança e ao adolescente.

3.1 COMPREENDENDO EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA

Neste ponto, vamos estudar o conceito de Educação em vários autores e documentos do Ministério da Educação - MEC, e estudaremos também o conceito de pedagogia e sua trajetória no Brasil.

3.1.1. Conceito de Educação

Dentre inúmeros estudos e conceitos variados sobre Educação, destacamos alguns, para levar este estudo ao encontro do nosso tema que é Educação dos Filhos em Provérbios.

Antes de descrever o pensamento de alguns escritores sobre a Educação, buscamos a visão da Educação dentro de alguns documentos da Educação do Brasil: Constituição Federal (CF) de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Estatuto da Criança e do Adolescente.

Encontramos na CF de 1988 nos artigos 205, 206, 208 e 227 as seguintes afirmações sobre a Educação:

Artigo 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A partir da CF, que é a carta magna que rege a nação, a Educação ganha destaque prioritário. A Educação passa a ser um direito de todos; um dever do Estado, dever da família e deve ser estimulada por toda a sociedade.

A Educação envolve todos os estratos da sociedade, família e Estado. A pessoa é o centro do processo educativo, em vista da plena cidadania, afirma a CF. A Educação não é só escolaridade, mas envolve todos os aspectos da vida humana.

Segundo o artigo 206 da CF, o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V - valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - garantia de padrão de qualidade.

No Artigo 208 da CF encontramos que o Estado garante atendimento a todos os estudantes nas etapas da educação básica: Educação Infantil, Educação Fundamental e Ensino Médio, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Encontramos no Artigo 227 da CF que

é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária,

além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Em consonância com a CF, encontramos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) o artigo 53 que fala especificamente que:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - direito de ser respeitado por seus educadores; III - direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; IV - direito de organização e participação em entidades estudantis; V - acesso à escola pública e gratuita, próxima de sua residência, garantindo-se vagas no mesmo estabelecimento a irmãos que frequentem a mesma etapa ou ciclo de ensino da educação básica.

As Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB. Lei 3439/96) afirmam que a Educação é essencial na vida de um ser humano.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Como se observa, os documentos oficiais dão destaque prioritário à educação, em todos os níveis e situações. Priorizam a formação da pessoa, em vista da cidadania plena. Abrangem os vários processos e instituições, com destaque para a cooperação entre família, sociedade e escola.

Partindo do pressuposto que Educação, no Brasil, é prioridade assegurada pelos documentos oficiais, cabe expor o que se entende por educação.

Saviani (2001, p. 11-12) define a Educação da seguinte forma:

A Educação é entendida como instrumento, como um meio, como uma via através da qual o homem se torna plenamente homem apropriando-se da cultura, isto é, a produção humana historicamente acumulada. [...] A Educação é concebida como “produção do saber”, pois o homem é capaz de elaborar ideias, possíveis atitudes e uma diversidade de conceitos.

A Educação para Saviani contribui para a emancipação humana. A educação deve possibilitar o acesso dos indivíduos aos conhecimentos sistematizados, os conhecimentos formais, a cultura letrada. O autor relaciona educação e cultura, o cabedal acumulado pela sabedoria humana ao qual todas as pessoas têm direito, como agentes da própria formação.

Para Brandão (1984, p. 3-4):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações? [...] a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. É esta a sua força.

Os destaques do autor levam aos ambientes de formação. O processo educativo ultrapassa os muros das escolas. Assim como no antigo Israel, os focos da sabedoria eram diversificados, assim na atualidade, esses meios se ampliam e levam a outros espaços em vista da qualificação da pessoa humana.

Ninguém escapa da Educação. Somos atingidos por ela em nossas casas, nas ruas, em nossos templos religiosos, nos meios de comunicação social e de maneira especial em nossas escolas, colégios, institutos, faculdades, centros universitários e universidades.

Para Luckesi (2001, p. 30):

A educação é um típico 'que-fazer' humano, ou seja, um tipo de atividade que se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação, por uma finalidade a ser atingida. A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesmo, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social.

Luckesi se aproxima ainda mais do conceito de sabedoria antiga. A Educação é um processo individual, mas visa o bem comum, social. A Educação ajuda a moldar a sociedade, fazendo com que o ser humano abrace seu papel de agente transformador da sua realidade e do meio em que vive.

De acordo com Libâneo (2001, p. 7-8):

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal. [...] A educação é uma prática social que busca realizar nos sujeitos humanos as características de humanização plena. Todavia, toda educação se dá em meio a relações sociais. Numa sociedade em que essas relações se dão entre grupos sociais antagônicos, com diferentes interesses, em relações de exploração de uns sobre outros, a educação só pode ser crítica, pois a humanização plena implica a transformação dessas relações.

Com o autor Libâneo, podemos considerar que a diversidade e a complexidade da educação afetam drasticamente a vida humana e os grupos sociais, pois ela é um conjunto de estruturas, influências, ações carregadas de ideologias transformadoras.

Sotelo e Poletto (2017, p. 35) afirmam que, “a educação pode mudar o homem dentro das suas qualidades e capacidades, levando-o a um nível superior, com um espírito de descoberta de si próprio [...]”.

Tendo compreendido o que é Educação, nos documentos oficiais e em definições conceituais, passamos para a relação entre Pedagogia e Educação, para chegar à educação libertadora.

3.1.2. Pedagogia: uma forma de educar

Pedagogia é um conceito que se associa, com frequência, ao processo de ensino de crianças e adolescentes, porque essa é, efetivamente, a fase privilegiada do aprendizado. Mas também porque aí se forma a personalidade e o caráter da pessoa. Essa associação entre pedagogia e infância está na origem etimológica da palavra.

O termo Pedagogia provém da Grécia antiga. Etimologicamente, a palavra Pedagogia é composta por *paidós* (criança), e *agogé* (condução). Refere-se, originalmente, às pessoas responsáveis por conduzir as crianças até a escola, chamados pedagogos, pela sua função na condução de crianças (*paidagogium*).

Holtz (1999, p. 5) explica essa origem e expõe a evolução do termo para o conceito posterior de pedagogo como mestre do ensino.

[...] na Grécia e em Roma, chamava-se Pedagogo ao servo ou escravo que era guardião, que conduzia e acompanhava crianças. Com o tempo o Pedagogo que começou como simples guardião de crianças acabou por se transformar, em Roma, num Preceptor (mestre encarregado da educação no lar).

Saviani (1985, p. 27) demonstra os contornos que o termo pedagogo adquiriu ao longo da história, e as funções que adquiriu para a atualidade, com funções mais específicas. Segundo essa visão, descreve que o pedagogo é

[...] aquele que possibilita o acesso à cultura, organizando o processo de formação cultural. É, pois, aquele que domina as formas, os procedimentos, os métodos através dos quais se chega ao domínio do patrimônio cultural

acumulado pela humanidade [...]. A palavra pedagogia traz sempre ressonâncias metodológicas, isto é, de caminho através do qual se chega a determinado lugar. Aliás, isto já está presente na etimologia da palavra: conduzir (por um caminho) até determinado lugar.

Segundo Bouffleuer (2004, p. 315) a pedagogia,

[...] tem como sua tarefa precípua a tematização do sentido do humano, reconstruído em cada contexto histórico, e das condições que permitem a sua produção através de processos educativos intencionalmente estabelecidos. [...] Podemos entender por pedagogia o campo de estudos que se ocupa dos fundamentos e das condições de possibilidade do encontro de educadores e educandos, em dialético confronto de anterioridade e posterioridade pedagógica. Esse encontro ocorre em função de um saber a ser comunicado, de uma percepção de mundo a ser transmitida.

O conceito grego de pedagogia que se desenvolveu para a moderna noção de Educação, possui relações com o antigo conceito de sabedoria.

Nesse sentido, o moderno pedagogo é um sábio que conduz o discípulo à arte de viver em seu tempo e em seu ambiente. O pedagogo moderno não é apenas aquele, aquela que estuda o ensino aprendizagem, mas é o que investiga, compreende o ser humano como um todo, é um mediador, um incentivador de uma pedagogia continuada e transformadora da realidade social.

3.2. EDUCAÇÃO DOS FILHOS A PARTIR DOS PROVÉRBIOS

O que se chama modernamente Educação e pedagogia acompanha a humanidade ao longo de sua história.

No antigo Israel, a Educação recebia nomes diversos como: instrução, conhecimento e principalmente, sabedoria.

Formar um filho sábio era o objetivo principal dos pais e mães no Antigo Israel. Adquirir sabedoria era uma meta de toda pessoa. Viver de maneira sábia era um ideal para qualquer sociedade. Esse ideal de formação para a sabedoria está bem expresso no livro bíblico de Provérbios.

Segundo Silva (2005, p. 67) os Provérbios são

formas literárias que transmitem sabedoria de maneira condensada. Partem de uma situação social e cultural concreta. [...] Apelam para a metáfora, uma imagem tirada do dia-a-dia [...]. Expressam de maneira concisa e poética, adquirindo grande valor estético. Servem para pensar e para divertir.

Abaixo descrevemos as citações de Provérbios que correspondem a educação de filhos. Faremos uma interpretação dos versos selecionados. A base do nosso estudo será o comentário de Schökel e Vílchez (1984), além do apoio de outros autores.

Entre a exegese dos textos bíblicos e a moderna pedagogia, faremos a hermenêutica dos textos, através do conceito de fusão de horizontes, como explica Gadamer (2003).

Waltke (2004) para explicar os termos sabedoria, conhecimento, instrução e entendimento usa o Pr 1,2-3: “Para se conhecer a sabedoria e a instrução; para se entenderem, as palavras da prudência. Para se receber a instrução do entendimento, a justiça, o juízo e a equidade”.

O primeiro deles, sabedoria (*hokmah*) é sempre traduzido como sabedoria e ocorre com mais frequência nos Provérbios do que qualquer um dos outros, quarenta e uma vezes. *Hokmah* é um dos conceitos centrais da literatura da sabedoria em geral, e está associado com o termo conhecimento (*da'at*), que ocorre trinta e sete vezes em Provérbios. Este último termo, *da'at*, é sempre traduzido como conhecimento e forma junto com sabedoria o amplo conceito conceitual, os parâmetros dentro dos quais os termos restantes se enquadram. Os dois termos em v. 2, que qualificam ainda mais a sabedoria, instrução (*musar*) e entendimento (*binah*), visam muito mais precisamente as atividades que contribuem para a obtenção de sabedoria. O primeiro, instrução ocorre trinta vezes em Provérbios e implica claramente um contexto. Traz consigo a ideia de disciplina. O último termo no v. 2, “entendimento” ou “insight” ocorre apenas quatorze vezes em Provérbios. “A pedagogia para ‘conhecer’” em Pr 2,2-5: “Para fazeres o teu ouvido atento à sabedoria; e inclinares o teu coração ao entendimento; se clamares por conhecimento, e por inteligência alçares a tua voz. Se como a prata a buscares e como a tesouros escondidos a procurares, então entenderás o temor do Senhor, e acharás o conhecimento de Deus”. Mostra que a internalização pessoal ou a experimentação da sabedoria está aqui em destaque.

3.2.1 Educação dos filhos na primeira coleção salomônica - Prólogo

O livro de Provérbios é constituído de várias coleções. A primeira coleção compreende Pr 1-9 e constitui o Prólogo, isto é, uma espécie de introdução ao livro de Provérbios. Seria a coleção mais recente, de data posterior às demais.²

“Filho meu, ouve o ensino do teu pai e não deixes a instrução de tua mãe” (Pr 1,8).

O provérbio, que constitui o exórdio da coleção e, praticamente, de todo o livro, marca o tom de Provérbios, como uma exortação de pai e mãe, ao filho, para ouvir o ensino (*musar*) e a instrução (*torah*). Composto por um imperativo tem a forma de chamado e de educação. O filho meu é uma convocação para o ensino e aprendizagem e será logo repetido no v. 10 e no 15, assim como em diversos outros provérbios. A relação pai e filho, em provérbios, abrange a relação mestre e discípulo. Na verdade, existem várias interpretações para a representação de pai e mãe nessas exortações, mas a mais significativa é a que identifica como mestre e discípulo.

Afirma Fox (2006, p. 80): “O paralelismo entre o ensino da mãe e do pai indica que eles são da mesma espécie”.

Garmus (2005, p. 37) afirma que:

de fato, no antigo Médio Oriente a relação do professor com o aluno e do mestre com o discípulo são expressas metaforicamente em termos da relação “pai” e “filho”. Portanto, nem sempre quando se fala da relação entre o “mestre” e o “discípulo” (Pr 1,10.15; 2,1; 3,1.11.21, etc). Embora os pais sejam os primeiros responsáveis pela educação geral dos filhos, a maioria das referências ao “pai” nos livros sapienciais, como Provérbios, Eclesiastes e Eclesiástico seriam um modo de se referir ao mestre.

A seção é aberta com o endereço comum para “meu filho”, estabelecendo a voz dos pais como instrutores. Após o anterior poema de sabedoria no capítulo 1, no entanto, os leitores também podem ouvir a voz residual da sabedoria da mulher chamando aos simples e aos tolos que, de uma maneira infantil, resistem obstinadamente ao seu chamado (Pr 1,22-23): “Até quando, ó simples, amareis a

² O livro de Provérbios consiste em nove coleções distintas (WHYBRAY, 1965):

- I. Pr 1-9;
- II. Pr 10-22,16;
- III. Pr 22, 17-24.22;
- IV. Pr 24, 23-34;
- V. Pr 25-29;
- VI. Pr 30, 1-14;
- VII. Pr 30, 15-33;
- VIII. Pr 31,1-9;
- IX. Pr 31, 10-31 (CERESKO, 2004 e 2011; CARR, 2005; 2011).

simplicidade? E vós escarnecedores, desejareis o escárnio? E vós insensatos, odiareis o conhecimento? Atentai para a minha repreensão; pois eis que vos derramarei abundantemente do meu espírito e vos farei saber as minhas palavras”.

Curiosamente, quando os leitores alcançam Pr 31,1-31, eles encontram o poema final do livro, que trata de uma mulher notável e valorosa que se identifica fortemente com a sabedoria da mulher. Os leitores podem perceber retrospectivamente, que a voz da instrução dos pais é tanto a voz da mãe quanto a do pai.

“Filho meu, se os pecadores te atraírem com afagos, não o consintas” (Pr 1,10).

O texto na realidade é uma continuação do v. 8, ocorre de novo o filho meu. Há um projeto sobre o ensino do filho com relação aos malvados, os sedutores que pretendem prejudicar as pessoas. Vemos bem claro a advertência de ensino aos filhos. O ensino é precaução contra os pecadores que podem levar os filhos para a maldade.

“Filho meu, não te ponhas a caminho com eles; desvia o teu pé das suas veredas; porque os seus pés correm para o mal, e se apressam a derramar sangue” (Pr 1,15-16).

Nestes dois versos continua a advertência aos filhos contra os malvados. Recomendam desviar-se deles e de seus caminhos, pois os caminhos deles correm para a maldade.

O v. 15 apresenta as advertências de pais ou mestres com um imperativo negativo: “não te ponhas a caminho”. O apelo do mestre é mostrar que a lógica oferecida pelos pecadores não faz nenhum sentido. O caminho é a metáfora para caminhada de vida, possui um sentido ético.

“Filho meu, se aceitares as minhas palavras, e esconderes contigo os meus mandamentos. Então entenderás o temor do Senhor, e acharás o conhecimento de Deus” (Pr 2,1.5).

Todo o conteúdo do capítulo 2 de Provérbios é dedicado a um único poema, sobre o assunto mais importante da instrução da sabedoria, o perigo das más companhias.

O poema adverte o aluno a obedecer às instruções apropriadas enquanto descreve o conteúdo dessa instrução. Isso também faz com que os leitores sejam sensíveis a alusões e a outras instruções bíblicas. A advertência no estilo do poema

em Pr 2 é a característica mais marcante e lembra aos leitores dos sermões mosaicos em Deuteronômio, por exemplo, Dt 5,11: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente ao que tomar o seu nome em vão”.

O discípulo ao aceitar o ensino das palavras e guardar os mandamentos será protegido de todo o mal e encontrará o conhecimento de Deus.

“Filho meu, não te esqueças dos meus ensinamentos e o teu coração guarde os meus mandamentos. Porque eles te prolongarão os dias, e te acrescentarão anos de vida e paz” (Pr 3,1-2).

É uma forma introdutiva da instrução do mestre para com o aluno. O mestre ensina seu aluno ao instruir-se através da sabedoria divina e guardando-as no coração. A consequência da vivência desta sabedoria é de bênção, prosperidade, paz e de longos dias de vida.

Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao Senhor e aparta-te do mal. Isso será saúde para o teu umbigo, e medula para os teus ossos. Honra ao Senhor com os teus bens, e com as primícias de toda a tua renda; E se encherão os teus celeiros de fartura, e transbordarão de vinho novo os teus lagares. Filho meu, não rejeites a correção do Senhor, nem te enfades da sua repreensão (Pr 3,5-11).

Esses versículos compõem o corpo das instruções do poema. Cada verso refere-se a alguma forma de entrega à sabedoria. Os dois primeiros versículos, v. 5-6, são imperativos e se relacionam com cada outro em sua preocupação com a rendição da própria razão. Os dois segundos versos, v. 7-8, comentam o primeiro reforçando a importância de uma atitude de auto entrega. O terceiro imperativo, v. 9-10, diz respeito às ofertas adequadas. Estes versos são os únicos em todo o livro de Provérbios que ordenam que os indivíduos tenham um papel vital no culto público. O imperativo final no v. 11, leva à ideia de confiar um passo além da sujeição da razão pela fé.

“Filho meu, não se apartem essas coisas dos teus olhos; guarda a verdadeira sabedoria e o bom siso. Porque serão vida para a tua alma, e adorno ao teu pescoço” (Pr 3,21-22).

O verso mostra que o jovem deve se afastar do mal, e jamais se esquecer que Deus é o autor da vida e de tudo o que existe. Que os olhos da sua mente sempre meditem a sabedoria divina.

“Ouvi, filhos, a instrução do pai e estai atentos para conhecerdes o entendimento. Pois dou-vos boa doutrina; não deixeis a minha lei” (Pr 4,1-2).

Estes versos têm uma brevidade que é para inculcar e oferecer ao aluno uma aprendizagem dentro da escola sapiencial. Os filhos se fortalecem nos ensinamentos dos seus pais e os mestres ensinam seus discípulos. São encorajados a obterem a sabedoria como coisa principal em suas vidas.

“Ouve, filho meu, e aceita as minhas palavras, e se multiplicarão os anos da tua vida” (Pr 4,10).

“Apega-te à correção e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida” (Pr 4,13).

O aluno deve apegar-se, agarrar-se, com todas as suas forças a sabedoria divina, porque é ela que guia no caminho correto. Deverá aprender tudo o que puder, mantendo sempre a sua razão protegida do alcance do mal. Somente assim terá uma vida longa e abençoada.

“Filho meu, atenta para as minhas palavras; às minhas razões inclina o teu ouvido. Não as deixes apartar-se dos teus olhos; guarda-as no íntimo do teu coração. Porque são vida para os que as acham, e saúde para todo o seu corpo” (Pr 4,20-22).

O apelo inicial chama a criança a ouvir as palavras dos pais e nada mais. O apelo é para que a criança mantenha a instrução dos pais. Os leitores já encontraram essa imagem como o centro da compreensão humana. O apelo destes versículos é de convidar as crianças a “inclinarem” seus corações como tábuas de pedras, para que seus pais inscreveram os ensinamentos divinos devendo segui-los durante toda a vida.

“E porque, filho meu, te deixarias atrair por outra mulher, e te abraçarias ao peito de uma estranha? Eis que os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele pesa todas as suas veredas” (Pr 5,20-21).

Estes versículos têm como tema principal o ensino sobre a sexualidade. A educação sexual, em que a prostituta e adúltera são centros de discórdia, a estrangeira é fonte de pecado. Estes versículos exortam o aluno, a caminhar dentro dos ensinamentos divinos. O desviar do pecado é essencial para que a bênção de

Deus reine em sua vida. Não importa os caminhos que ele tomar, seja na vida pública ou privada Deus está vendo todos os seus passos, todos os seus atos.

“Filho meu, se ficaste por fiador do teu companheiro, se deste a tua mão ao estranho, e te deixaste enredar pelas próprias palavras; e te prendeste nas palavras da tua boca” (Pr 6,1-2).

A ilustração destes versículos, exorta o aluno a tomar cuidado em ser fiador de alguém. Ser fiador é comprometer-se a pagar à dívida daquele que lhe pediu seu nome como fiador se este não honrar seu compromisso. Ser fiador, é ser um garantidor. A sabedoria de Deus exorta que ninguém pode ser fiador sem antes ter clareza do que se está fazendo. Somente quando se tem clareza e segurança pode ser fiador de alguém. Em Pr 11,15 encontramos a seguinte exortação: “Decerto sofrerá severamente aquele que fica por fiador do estranho, mas o que evita a fiança estará seguro”. Pr 20,16: “Ficando alguém por fiador de um estranho, tome-se-lhe a roupa; e por penhor àquele que se obriga pela mulher estranha”. A prudência deve ser exercida quando se trata de ser fiador de alguém. A sabedoria de Deus não proíbe sermos fiadores, ela é contra quando alguém assume esta condição de forma imprudente, irresponsável.

“Filho meu, guarda o mandamento do teu pai e não deixes a lei de tua mãe” (Pr 6,20).

Este versículo exorta o aluno a manter-se firme nos ensinamentos do seu pai e de sua mãe, desde que estes não sejam contrários aos mandamentos de Deus. Importante seguir os ensinamentos dos pais pois são estes os porta-vozes de Deus. Um filho que segue os ensinamentos dos seus pais, é abençoado por eles e por Deus.

“Filho meu, guarda minhas palavras, e esconde dentro de ti os meus mandamentos. Guarda os meus mandamentos, e vive; e a minha lei, como a menina dos teus olhos” (Pr 7,1-2).

Estes versículos chamam atenção dos filhos, alunos para que não esqueçam os conselhos dados por seus pais e mestres. Devem guardar e prestar a atenção aos mandamentos ensinados, vivenciar os mandamentos, pois são a menina dos olhos dos pais e mestres. Estes versículos também tratam da sexualidade. Os pais, os mestres têm uma preocupação com seus filhos, alunos que não se desviam do caminho da sabedoria Divina. É um alerta para que não

caiam na promiscuidade com prostitutas. Estes versículos são um alerta à realidade tão presente na sociedade da época.

“Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria; eu sou o entendimento; minha é a fortaleza” (Pr 8,14).

Neste versículo percebemos que o próprio Deus se manifesta como a sabedoria, entendimento e fortaleza. Os filhos, os alunos devem ter este saber. O versículo dá a entender que a sabedoria está presente nos mandamentos e devem ser vivenciados por todos que a estudam. Segundo estudiosos este provérbio, era sempre lembrado em estudos bíblicos da época; os mestres ensinavam os ouvintes a buscarem e vivenciarem esses ensinamentos, mantendo em suas mentes sempre a certeza que a sabedoria, o entendimento, vem do próprio Deus e Ele é a nossa fortaleza.

“Agora, pois, filhos, ouvi-me, porque bem-aventurados serão os que guardarem os meus caminhos. Ouvi a instrução, e sede sábios, não a rejeiteis” (Pr 8,32-33).

A bem aventurança está bem clara neste contexto. Os que guardam e ouvem a instrução, ensinam os que são inexperientes. O enamorado aprende que a grande dama não fugirá dele. A bem aventurança é pregada por um desconhecido que vai pelas ruas pregando para os que estão a caminho. Os sábios ouvem a instrução, e os filhos são bem aventurados se ouvirem e guardarem os caminhos do Senhor.

3.2.2 Educação dos filhos na segunda grande coleção denominada salomônica

Aqui começa a segunda coleção de provérbios de Salomão, conhecida como a grande coleção salomônica (Pr 10,1-22,16). São sentenças justapostas umas às outras, sem organização de assuntos ou temas. Há uma unidade de provérbios binários em conexão com repetições verbais. Este material pode ser entendido como individual, blocos temáticos.

No centro do livro de Provérbios está a coleção intitulada os Provérbios de Salomão. Acredita-se que esses ditos estejam entre os coleção mais antiga de todo o livro. Os leitores não devem se preocupar com o fato de os ditos mais antigos não estarem no início do livro. Contudo, em vez disso, esse arranjo editorial sugere que essa coleção funcione como um núcleo em torno do qual outras coleções são anexadas (por exemplo, capítulos 1 a 9; 25 a 29). De fato, esses ditados e

provérbios representam um desafio de leitura maior do que os materiais de Provérbios 1–9, porque à primeira vista eles parecem estar dispostos em pouco mais de listas de palavras.

“O filho sábio alegra a seu pai, mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe” (Pr 10,1).

Esta expressão de que o filho sábio alegra o pai e o tolo é tristeza de sua mãe mostra a importância de educar bem os filhos. O provérbio está dizendo que uma boa educação é um segredo da família toda; o filho sábio alegra seu pai, enquanto o insensato entristece a mãe.

“Quem ama a disciplina, ama o conhecimento, quem despreza a repreensão é estúpido” (Pr 12,1).

Bem claro é este verso. Quem ama a disciplina também ama o conhecimento. Este torna mais evidente a forma de educação. A declaração de abertura afirma a conexão entre conhecimento e trabalho: para conseguir o que você precisa, é preciso investir em disciplina, que também envolve repreensão de mestres. Intenções pedagógicas estão claramente por trás de um ditado: o instrutor tem autoridade para usar motivação negativa para o aluno. Os v. 2 a 7 seguem, contrastando a justos e maus.

“O filho sábio atende à instrução do pai; mas o escarnecedor não ouve a repreensão” (Pr 13,1).

Aqui a gramática é clara; tem hemistíquios que expressam uma retórica, a correção paterna do responder/resultar. Há uma antítese entre o ouvir a instrução do pai, e desobedecer e não atender a repreensão. O termo instrução (*musar*) pode ser também traduzido por educação, admoestação. O filho que é insolente e zomba da repreensão, este não aprendeu nada.

As coleções de ditos neste capítulo continuam refletindo preocupação com o valor da sabedoria. Como alguém obtêm a sabedoria? Quais suposições devem ser compartilhadas entre instrutor e aluno? Este versículo reitera a importância da disciplina.

“A doutrina do sábio é fonte de vida para se desviar dos laços da morte” (Pr 13,14).

O ensino do sábio é fonte de vida, livra muitos do laço da morte. Este versículo quer instruir o aluno a ser um sábio; quer dele uma atitude de profeta, de um instrutor da sabedoria Divina. A lei quando bem vivenciada, colocada em prática

desvia muitos dos laços da morte. Por isso, dá importância de estar perto da sabedoria Divina, da lei e colocá-la sempre em prática.

“O temor do Senhor é a instrução da sabedoria, e precedendo a honra vai a humildade” (Pr 15,33).

A sabedoria é adquirida pelo temor do Senhor. O amor a Deus, o respeito a Ele nos torna melhores, nos inspira na busca da santidade e da verdade fazendo com que alcancemos a verdadeira felicidade que está n’Ele e com Ele. O temor ao Senhor, não ter medo d’Ele, mais sim amar a sua sabedoria que nos encanta e nos impulsiona a vivermos uma vida na paz e na harmonia interior. Este é o ensinamento deixado aqueles que o temem e o buscam.

“O filho insensato é tristeza para seu pai, e amargura, para aquela que o deu à luz” (Pr 17,25).

Este provérbio é um alerta aos filhos, aos alunos, e a todos os que acreditam na sabedoria Divina, para que mudem suas atitudes e não entristeçam seus pais e seus mestres. Os pais e as mães que são fieis à sabedoria Divina, se entristecem com seus filhos quando estes estão desviados dos caminhos da sabedoria, tornando-se insensatos, irresponsáveis e sem juízo. Os pais e as mães sentem em ver um filho perdido, não cumprindo com a vontade de Deus. Estão desviados dos caminhos da sabedoria, da fraternidade, do amor a Deus e ao próximo, estão no caminho de perderem suas vidas; estão no caminho da morte espiritual.

“Castiga o teu filho enquanto há esperança, mas não deixes que teu ânimo se exalte até o matar” (Pr 19,18).

Este versículo quer chamar a atenção dos pais e mestres para que sejam firmes com seus filhos e alunos, não permitindo que se desviem dos mandamentos de Deus. Se necessário for, os pais e mestres deverão castigá-los para que sintam na mente e no corpo as consequências dos erros causados diante de Deus dos homens. A esperança jamais deve ser perdida de vista, ela sempre deverá estar na vida dos que vivenciam os mandamentos de Deus.

“O que aflige o seu pai, ou manda embora sua mãe, é filho que traz vergonha e desonra. Filho meu, ouvindo a instrução, cessa de te desviarest das palavras do conhecimento” (Pr 19,26-27).

Os filhos que maltratam os pais, envergonham e desobedecem às ordens de Deus. Os filhos que são respeitosos com seus pais são felizes e bem sucedidos. A temática de ter um filho bom é temática de diversos provérbios bíblicos. Os filhos

devem buscar incansavelmente a sabedoria Divina para que não se desviem de seus conselhos.

“O que amaldiçoa seu pai ou sua mãe, apagar-se-á a sua lâmpada em negras trevas” (Pr 20,20).

O verbo amaldiçoar (*qala*) tem vários modos de ser traduzido. Pode ser desonrar e deixar de sustentar. Tem uma antítese neste verso do quinto mandamento que tem os termos honrar e sustentar. Neste contexto vemos a gravidade da imagem da lâmpada e do filho que volta contra aquela que deu à luz, e que nesta desonra ficará sem luz: luz de alegria, de prosperidade e da própria vida. Tudo isto se refere ao aprendizado para toda a descendência.

“Vale mais ter um bom nome do que muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a riqueza e o ouro” (Pr 22,1).

O bom nome e ser estimado andam juntos. Os dois são melhores do que a riqueza e ouro. Este provérbio convida os alunos a cuidarem de seu caráter. Ter um bom nome é trabalhoso, deve-se ter vigilância permanente dos seus atos e palavras. Um dos maiores bens que uma pessoa pode ter é um nome “limpo” e estar longe de qualquer erro que macule sua imagem.

“Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele” (Pr 22,6).

Este provérbio lembra que educar uma criança é uma tarefa árdua, mas gratificante. Esta educação deve ser centrada nas Sagradas Escrituras. Uma criança que desde pequena recebe as instruções bíblicas dificilmente se desviará do caminho da sabedoria Divina. A missão de todo pai, mestre e encaminhar seus filhos, seus discípulos para vida, orientando-os para que nunca se desviem dos mandamentos de Deus. A Bíblia nos diz que as crianças são uma dádiva de Deus. Salmos 127,3: “Eis que os filhos são herança do Senhor, e o fruto do ventre o seu galardão”.

3.2.3 Educação dos filhos na terceira coleção denominada dos Sábios

Aqui começa a terceira coleção de provérbios, conhecida como a coleção dos Sábios (Pr 22,17-24,22). Também se atribuiu a Salomão. Mas pode ser também anônimo. Começa com um chamado, o valor e a função do ensinamento. Os versos pedem a colaboração completa do homem. A antropologia sapiencial o ouvido para escutar o coração para entender e compreender, mas também para guardar o que aprendeu, os lábios como devem ser usados. Lábios e língua são metáforas para mostrar o aprendizado e o conhecimento adquirido.

A segunda subseção desta unidade de instruções consiste em dez advertências, a maioria delas declaradas em negativo. A estrutura deste texto tem um olhar: Pr 22,22–23,11. O título entre ricos e pobres a importância desta seção não apenas reflete alguns dos tópicos dominantes instruções, mas a suposição de que o público está em um cargo de gerência intermediária. Os extremos da instrução oscilarão entre a opressão dos fracos / pobres (v. 22,22-23 e 23,10-11) e evitar o estilo de vida dos ricos (23,1-8).

As pessoas a quem essas instruções são dirigidas têm alguns poderes (suficiente para oprimir os mais fracos, para desejar a riqueza de seu melhor), mas devem observar-se na presença de superiores. Nós vemos isso claramente na quinta instrução, 22,29, onde quem está hábil serve reis e não plebeus. Que esse indivíduo possui alguma posição de gerência intermediária parece claro.

Três vezes nesta unidade, há referência à opressão daqueles com status social mais vulnerável. Estes incluem o primeiro 22,22-23, a quarta instrução (22,28) e a décima instrução (23,10-11). A primeira, lida com os pobres; a quarta e a décima lidam com limites móveis. A instrução final (v. 10-11) inclui uma preocupação adicional para a instrução.

“Teme ao Senhor, filho meu, e ao rei, e não te ponhas com os que buscam mudanças, porque de repente se levantará a sua destruição, e a ruína de ambos, quem o sabe?” (Pr 24,21-22).

Esta coleção promete várias condições aos discípulos da sabedoria e termina com a exigência do temor a Deus. Continuamos a abordagem de isolar e organizar as instruções de acordo com os apelos dos pais. Pr 23,22 abre outra seção com uma advertência geral para fazer os pais felizes, aqui obtendo sabedoria.

Acompanhando esse apelo dos pais estão várias instruções: Pr 23,27-28, contra a mulher estrangeira ou prostituta; v. 29-35, no vício em bebida forte; 24,1, invejando o perverso; 24,3-9, sobre os benefícios da sabedoria; v. 10-12, no resgate

daqueles condenados à morte. A unidade pode parecer concluir em 23,8 com uma instrução sobre a ameaça representada pela prostituta. Para os critérios das instruções anteriores, no entanto, os leitores reconhecerão outro apelo dos pais no v. 26, sugerindo que o v. 26-28 é uma instrução separada das unidades anexas.

O problema de leitura v. 26-28 como separado dos v. 22-25 é que estes últimos versos parecem ter apenas endereço parental e falta a própria instrução. Por esse motivo, os leitores devem ler v. 26-28 como as instruções pertencentes à advertência introdutória v. 22-25. Os versículos 22-25, portanto, oferecem um apelo inicial para várias instruções.

3.2.4 Educação dos filhos em Provérbios atribuídos a Salomão

O livro de Provérbios foi atribuído a Salomão, e transcrito pelos homens de Ezequias, rei de Judá (Pr 25,1) e compreende (Pr 25,1-29,27) uma coleção de escritos muito antigos.

“A vara e a repreensão dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma, envergonha a sua mãe” (Pr 29,15).

Mostra aqui a educação contundente, e tem numerosos paralelos dos filhos de Eli o sumo sacerdote. O verso mostra a esfera doméstica e o campo dinástico sobre a honra e a importância da mãe e da sua importância das mães na eleição de um futuro rei.

Aqui vara significa correção e dar a instrução devida, e não espancar com a vara. A vara aqui não é literal, modo de espancamento como é visto na literalidade como fazem os intérpretes fundamentalistas. Era uma forma de expressão, se fosse necessário a correção mais dura. O texto em hebraico não fala de usar a madeira ou vara para a correção literal.

Esses versículos compreendem uma resposta paralela à primeira metade do capítulo. A conclusão final é que a justiça finalmente chega do Senhor. Os versículos 15-17 são sequencialmente paralelos aos v. 1-3.

Os v. 26-27 oferecem observações sobre o governante justo, lembrando leitores de um dos temas recorrentes dos capítulos 28–29. Os v. 15-18 alternam entre preocupação com educação e preocupação com o papel do rei justo. Pode-se ver facilmente esses versículos como um contraste adicional na opinião pública

autoridade versus educação privada (na casa): “Corrige teu filho, e te dará descanso, e dará deleite à tua alma” (Pr 29,17).

Aqui a correção do filho se deve ao patriarca, o pai. Como ocorreu com o sumo sacerdote Eli que não teve a propriedade de ensinar seus filhos e aí eles sofrem as consequências da desobediência.

3.2.5 Educação dos filhos na coleção de Provérbios numéricos

Uma pequena coleção (Pr 30,15-33) reúne provérbios sobre assuntos diversos, todos reunidos sob a forma de provérbios numéricos, baseados no paralelismo entre “três coisas” e “uma quarta”: “Os olhos que zombam do pai, ou desprezam a obediência à mãe, corvos do ribeiro os arrancarão e os filhotes da águia os comerão” (Pr 30,17).

Aqui relaciona a educação pela obediência. Tem uma maldição aos que maldizem os pais. O v. 17 abandona o estilo numérico para retornar ao tópico de v. 11 em relação aos pais. Salienta a importância do respeito adequado e obediência aos pais. O ditado liga a *lex talionis*, a lei de retaliação. Na ausência de qualquer decisão processual corpo, a lei de retaliação geralmente governa a lei da comunidade.

Os leitores encontram o princípio em Gênesis 9,6 e em Êxodo 21,12. A implicação é que pessoas culpadas devem ser punidas de tal maneira que elas sofrem a mesma lesão e dor que a pessoa que elas machucaram. Como princípio da lei, acredita-se que o talião forneça uma forma mais consistente de justiça, uma vez que não repousa sobre a classe diferenças ou status econômicos. Se é o olho que ofende através de seu desprezo pelos pais, então é o olho que será comido pelos corvos e abutres.

3.2.6 Educação dos filhos na coleção das Palavras de Lamuel

Aqui começa a sétima coleção dos provérbios (Pr 31,1-9). São as máximas de Lemuel, rei de Massa, e que foi muito bem ensinado por sua mãe. É um papel de uma rainha mãe que ensina seu filho para ser um futuro rei. A rainha mãe é instrutora e educadora do príncipe herdeiro; é considerada como uma lei promulgada.

“Como, filho meu? E como, filho do meu ventre? E como, filho dos meus votos? Não dê às mulheres a tua força, nem os teus caminhos ao que destrói os reis” (Pr 31,2-3).

3.2.7 Provérbios e educação

Os capítulos e versículos que falam da educação dos filhos no livro de Provérbios são um método de educação do mestre em relação à criança, do professor em relação ao seu aluno, do pai, da mãe em relação aos seus filhos.

Percebemos que todos os ditos da educação dos filhos analisados acima nos mostram a importância de resgatá-los e colocá-los em prática em nossos dias.

Os provérbios bíblicos, como visto nos capítulos anteriores, apresentam séculos de sabedoria e discernimento. A tradição judaica conservou, ao longo de sua história, essa tradição sapiencial e outras fontes, como o Talmud. No Talmud encontramos que a escola é um complemento da educação dos pais.

Os textos bíblicos, talmúdicos e das eras rabínicas são fontes primárias ideais para essa abordagem. O livro de orações contém muitas referências à Terra de Israel e tem a vantagem de ser um livro que os jovens provavelmente encontrarão nos anos de pré-adolescência.

Segundo Rebe de Lubavitch (*apud* WEITMAN, 2000, p. 2),

a educação não deve limitar-se à mera transmissão de uma soma de conhecimentos e à preparação para uma profissão, mas, também e principalmente, deve ensinar a aquisição de valores importantes para a vida, formação de caráter, aprendizado do respeito a si próprio e aos pais, mestres e colegas.

A literatura sionista está repleta de histórias, memórias, tratados ideológicos e ficção defendendo sua causa. Israel contemporâneo é a forma de que arca do tesouro tem as suas fontes literárias: sons de rua, vozes *muzezim*, sinos de igreja, uma sirene em Jerusalém anunciando o iminente começo do sábado. Israel é grafite de rua, debates políticos, música pop e hip-hop, arte, dança, alimentos e, mais importante, pessoas.

A educação de Israel está enraizada em uma abordagem cultural, que enfoca sobre o papel dos contextos sociais e dinâmicas na educação. Ambientes imersivos

são cenários que podem influenciar atitudes em virtude de sua natureza sinérgica. Conectividade refere-se a vínculos sociais criados por redes.

As comunidades virtuais oferecem oportunidades para aprimorar uma abordagem imersiva à educação de Israel. A experiência de Israel é uma significativa - uma nova estrutura educacional judaica. Como em toda educação, o educador é uma força seminal na realização da visão educacional.

Os Provérbios eram uma forma popular de decorar, memorizar e guardar os ensinamentos. A admoestação é uma forma popular de educar, mostrar o erro. A sabedoria personificada protege o temor de erro. O poema sapiencial descrito em Provérbios é subornado ao modo de prudência e a competência.

O estudante sábio é aquele que identifica a justiça social. Estes conceitos sapienciais de prudência e consideração que atribuem a confiança de YHWH e caminhar em seus passos para a verdadeira instrução do discurso ético e de conhecimento. A pedagogia da libertação leva o indivíduo a pensar no verdadeiro saber e libertador.

O livro de Provérbios tem formas de instruções. A citação de instrução que o mestre sábio ouve seu pai e o segue. O seu pai e avô têm instruções que foram passadas de geração a geração. A sabedoria foi concebida como o conhecer a YHWH que personifica a forma maior de sabedoria. A sabedoria é concebida antropomórfica na relação do mestre e do aluno para com YHWH em sua vida com sucesso.

A ênfase dada à sabedoria pode ser vista nas formas verbais em que os sufixos denotam os termos conectando o não esquecer, guardar, tomar, amar, exaltar a sabedoria e o conhecimento o cuidado é dado em não esquecer e guardar a admoestação e a exigência na didática de provérbios. Este é um programa familiar de didática com os parentes mais próximos e pessoal, e a concepção antropomórfica da sabedoria.

Os provérbios bíblicos estão enraizados pela tradição dos sábios e dos profetas. No início quem ensinava as crianças eram inicialmente as mães e os pais, depois vieram as pessoas especializadas. As pessoas que ao estilo dos estoicos ensinavam nas praças e nas portas das cidades eram considerados muitas vezes como loucos. Mas era uma forma de ensinar as pessoas. Os provérbios eram um modo de instrução. Eles combinam o modo persuasivo com técnicas de conhecer e memorizar e possuíam estratégias de retórica.

Sotelo e Poletto (2017) descrevem que as instruções tanto dos provérbios como do egípcio Amenemope sobre a educação dos oficiais em busca da ética e da responsabilidade estão ligadas ao bem estar da pessoa, da justiça do indivíduo. Aquele que guarda a sabedoria é bom estudante (Pr 3,21), o *beniy netsor* (filho meu guarda), o filho que guarda a sabedoria e o conhecimento.

Há competência intelectual para a sabedoria e do estudante que internaliza a boa vida, a prudência e a consideração para se fazer algo ou alguma coisa. Competência e prudência são desejos do estudante sábio e um modo atrativo para viver bem, e pode ser um amuleto precioso para ser visto como conhecedor das coisas.

Crenshaw (1995) diz que a administração real no Antigo Israel criou um tipo de escola onde havia vários empregados que eram preparados para o governo: secretários, administradores, escritores de cartas, pagadores.

Em Provérbios começamos a observar que a educação formal parte do desejo da existência, em que a vida no mundo simbólico da imaginação, a cultura oral e escrita foi um treinamento das pessoas sobre a memória. A invenção da escrita em Israel, e os padrões dos escribas acaba com o lapso da memória e traz outro sentido da passagem do oral para escrita.

A descoberta do alfabeto se torna a linguagem de sinais e o sentido da comunicação escrita. O meio da palavra escrita não precisava mais da memória e da forma oral para o estudo. O sentido atual das palavras restringe a forma escrita e que as inscrições encontradas na Síria e na Palestina refletem a forma mágica de compreender os escritos.

Os escritos têm sentido religioso, moral, social, político etc. A palavra e os símbolos pontuam as gerações após gerações nos escritos. Isso pode ser visto no livro de Provérbios e assim ocorreu em todas as civilizações: egípcia, grega, mesopotâmica e no Oriente Médio antigo. Até surgir um novo modo de pensar como foi o iluminismo grego.

A composição dos provérbios era principalmente de mitos bem elaborados. Esta forma tinha a intenção de didática, e era cumprida a partir do diálogo e a instrução era efetivada. O livro de Provérbios acentua os limites impostos sobre o intelecto humano. Tudo isto era para o destino de reconhecimento da atividade da divindade sobre o destino humano.

Silva (2016, p. 905) descreve que

os provérbios filtram a sabedoria popular, de milênios. Nascidos de maneira espontânea e anônima, transmitem-se oralmente, de geração em geração, e não raro são fixados por escrito. É o caso do livro de Provérbios, bíblico, assim como de coletâneas modernas de ditos e expressões populares. Refletem, num e noutro caso, a sabedoria vivenciada por pessoas, famílias e povos, ao longo de séculos de história.

As formas mais claras destas instruções e dos ditos são produtos da educação popular; máximas e aforismas que pronunciam juízos nas narrativas de provérbios e dos profetas. Vários ditos foram expandidos por ditos populares e poemas didáticos.

Concluindo, a educação pode ser entendida em Provérbios como dois modos de interpretação. Os mais fundamentalistas querem educar seus filhos de modo literal, com o uso da vara, trazendo problemas sérios na vida e na cultura dos filhos. Outra forma de interpretar é de modo crítico, estabelecendo uma ponte hermenêutica entre o modelo pedagógico da época de Provérbios e as propostas da moderna pedagogia. Há valores que persistem e devem ser interpretados. Por outro lado, há práticas pedagógicas que devem ser atualizadas.

3.3. A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE E OS PROVÉRBIOS

Um moderno exemplo de mestre de sabedoria pode ser encontrado em Paulo Freire. Ele soube ler criticamente a sua realidade a apresentar propostas educativas. É o criador da pedagogia da libertação. Freire mostra nesta Pedagogia Libertadora que a educação deve ser conscientizadora. O indivíduo deve ser o sujeito, ator e transformador de sua própria existência. A Educação deve ter a forma de transformação do ser humano: o mundo criando a sua estrutura e sua criação da própria história.

Freire (1997) ressalta que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim, ensinar é uma especificidade humana. Ensinar exige consciência do inacabamento. Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado. Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. Ensinar exige bom senso. Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores.

Paula e Machado (2009, p. 233) esclarecem que educação libertadora é o mesmo que dizer Educação Popular:

No Brasil, o precursor da Educação Popular foi Paulo Freire que desenvolveu trabalhos na área de educação de jovens e adultos, com uma concepção baseada na libertação desses sujeitos através de uma formação consciente e crítica da realidade que os envolve. Percebemos que a atuação da Educação Popular é direcionada às classes populares historicamente excluídas [...].

Freire (1997) critica em seu livro “Pedagogia do Oprimido” o conceito de Educação vertical, que vem de cima para baixo e afirmando que esta é uma Educação opressora. Nesse livro, Freire critica a educação bancária, isto é, a educação que vê o aluno apenas como um receptáculo, e o professor é inculcador de conteúdos. O aluno é um mero expectador da aula e do conteúdo, enquanto o professor não lhe permite questionar absolutamente nada.

Em todo pensamento de Freire destaca-se que o ensinar exige apreensão da realidade; o ensinar exige alegria e esperança; o ensinar exige a convicção de que a mudança é possível; o ensinar exige curiosidade; o ensinar é uma especificidade humana; o ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade; o ensinar exige comprometimento; o ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; o ensinar exige liberdade e autoridade; o ensinar exige tomada consciente de decisões. O ensinar exige saber escutar; o ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica; o ensinar exige disponibilidade para o diálogo; o ensinar exige querer bem aos educandos; o ensinar é um ato libertador; todo educador deve usar de uma Pedagogia Libertadora, uma Pedagogia Social.

Para Machado (2002, p. 3) dizer Pedagogia Libertadora é mesmo que dizer Pedagogia Social.

[...] a Pedagogia Social tem dois campos distintos: o primeiro referente à socialização do indivíduo, socialização compreendida como ciência pedagógica da educação social do indivíduo, que pode ser desenvolvida por pais, professores e família; o segundo relacionado ao trabalho social, com enfoque pedagógico, direcionado ao atendimento a necessidades humanas sociais, desenvolvido por equipe multidisciplinar da qual participa o Educador Social, como profissional da Pedagogia Social.

Na visão da Educação na Pedagogia Social no Brasil encontramos a Educação Formal, Educação Informal e a Educação Não-Formal.

Afonso (1989, p. 78) faz esta distinção entre estas educações:

Por **educação formal**, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação **educação informal** abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a **educação não-formal**, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que diz respeito à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto.

Brandão (1984) diz que a educação libertadora em si é aquela que revoluciona as ideias, critica os modelos tradicionais que impedem de pensar e refletir.

Freire no seu livro “Pedagogia da autonomia” descreve qual o verdadeiro papel do professor na formação do seu aluno. Ele diz que não há docência sem discência. Percebemos na leitura deste livro que o professor e aluno interagem na busca e na construção do conhecimento. O professor/educador é um mediador do conhecimento, ele torna-se na vida do seu aluno um instrumento de libertação.

Nas palavras do próprio Freire (1997, p. 54):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém. Do ponto de vista democrático em que me situo, mas também do ponto de vista da radicalidade metafísica em que me coloco e de que decorre minha compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre que se funda a minha inteligência do processo de conhecer, ensinar é algo mais que um verbo transitivo-relativo. Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.

No livro “Educação como prática da liberdade” Freire ressalta, que a grande preocupação dele é a mesma de toda a pedagogia moderna, libertar o aluno das amarras da ignorância. Paulo Freire (1967, p. 19) descreve que “a Educação deve

ser para uma decisão, para uma responsabilidade social e política”. Conscientizar o educando a ser um “ser humano” em busca da democracia.

Paulo Freire acentua sempre que o processo educacional é dinâmico e tem a ver com o poder, mas não com autoritarismo. A Educação tem a ver com democracia, e é uma conquista de todos. A Educação é poder à medida que se tem o domínio do conhecimento.

Gadotti (2000, p. 7) afirma que o professor deve ter:

Prazer de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento, curiosidade, autonomia, atenção. Inútil tentar conhecer tudo. Isso supõe uma cultura geral, o que não prejudica o domínio de certos assuntos especializados. Aprender a conhecer é mais do que aprender a aprender. Aprender mais linguagens e metodologias do que conteúdos, pois estes envelhecem rapidamente. Não basta aprender a conhecer. É preciso aprender a pensar, a pensar a realidade e não apenas “pensar pensamentos”, pensar o já dito, o já feito, reproduzir o pensamento. É preciso pensar também o novo, reinventar o pensar, pensar e reinventar o futuro.

A estrutura educacional de forma não vertical, ou seja, de forma horizontal deve ser de intersubjetividade e intercomunicação.

Paulo Freire (1997) inspira-se em Martin Buber na sua forma dialógica de se conhecer. O diálogo é fundamental nesta pedagogia libertadora. Deve tirar os modos de passividade e passa a ter a importância de agir e de mudar a sua própria história. A comunicação é a forma de diálogo de conhecer e de se comunicar. A Educação é o local de transferir os conhecimentos. O ato educativo é um ato de transmissão ou de extensão, é a forma sistemática de um saber.

Temos os atos comunicativos que dependem do ato emocional; um ato comunica o saber, o conhecimento ou o estado mental de cada indivíduo. Há um modo de comunicação: o ato de compreender a significação do sentido. Tem um correlato de: concepção do sujeito, de transferência ou transmissão do sabido.

A comunicação deve estar centrada nos sentidos e a comunicação de conteúdos e de convicções. Tudo isso está relativizado de condições humanas, de conhecimentos sócio culturais; a libertação do homem de todo tipo de extensão e comunicação.

Quando os textos de Provérbios mostram: o escutar, ouvir, guardar e memorizar na época antiga hoje isto se atualiza com a pedagogia moderna e com a educação popular segundo Paulo Freire. Assim como os provérbios bíblicos

condensam a sabedoria popular, transmitida de geração em geração, assim a pedagogia libertadora parte dos valores e crenças da população.

Brandão (1984) afirma que a educação libertadora e as leis devem ser agrupadas numa mesma forma de interpretação. Senão desta forma cairemos no caos da hermenêutica e da legalidade destas formas interpretativas tanto da educação ou da pedagogia moderna. Cada um exigindo a sua interpretação como a correta. Mas quem deve julgar a forma correta, a ideologia da interpretação, são os mestres, os práticos, os juizes, ou os educadores. Pela literatura antiga e moderna, judaica ou não vemos que existiam as várias formas de interpretação.

3.4 O ECA E A LEI BERNARDO: A LEGISLAÇÃO ATUAL NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Neste ponto faremos uma análise do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA e um estudo da Lei 13.010/14: Lei Bernardo: a Lei da Palmada. O ECA e a Lei 13.010/14 são uma forma moderna de educação e de proteção à criança e ao adolescente.

Veremos aqui, que o surgimento destes estatutos, destas leis são apenas para defenderem as crianças e os adolescentes das agressões físicas e psicológicas, possibilitando que os mesmos se desenvolvam em um ambiente saudável.

3.4.1 O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA - Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 está completando 30 anos neste ano de 2020. Ele é um código de tratamento social e com legislação específica dada para crianças e adolescentes em sua máxima proteção em todo o nosso país. A especificidade é a criança até os doze anos de idade e o adolescente entre doze e dezoito anos.

O ECA é o primeiro documento após a Promulgação da Constituição de 1988, que trata especificamente do direito à Educação para as crianças e adolescentes.

De acordo com Willemam *et al.* (2007, p. 5512):

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em consonância com a Constituição de 1988 e com a Declaração Internacional dos Direitos das Crianças 1989, assim consideradas até os 18 (dezoito) anos de idade, dispõe sobre os direitos e deveres das crianças e dos adolescentes como pessoas em desenvolvimento, sujeitas à proteção integral, cabendo à sociedade em geral, à família e ao Estado zelar pelo seu desenvolvimento e formação da personalidade dos adultos que serão, de modo a assegurar um futuro digno ao nosso país, como verdadeiros cidadãos.

Encontramos no ECA no artigo 19 que é

[...] direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.

A colocação em família substituta somente se dê provisoriamente, via tutela ou guarda ou em definitivo por meio da adoção.

Firno (1999, p. 174) descreve que:

O Estatuto da Criança e do Adolescente atribuiu o dever de prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente a toda sociedade (art. 70), impondo medidas de prevenção às pessoas físicas e jurídicas, conforme se depreende dos arts. 74 a 85, prevendo penas constantes dos arts. 235/244 e 245/248, respectivamente, para os crimes e infrações administrativas contra a criança e o adolescente, sendo tais crimes de ação pública incondicionada.

Willemam *et al.* (2007, p. 5517) afirmam que,

o ordenamento jurídico brasileiro vigente reconhece e preconiza a família, enquanto estrutura vital, lugar essencial à humanização e à socialização da criança e do adolescente, e também estabelece procedimentos legais que garantam a defesa do superior interesse da criança e do adolescente, mesmo quando seu interesse esteja sendo violado por sua família ou seus responsáveis legalmente.

Encontramos no Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária – PNCFC (2006, p.17) que a

[...] manutenção dos vínculos familiares e comunitários – fundamentais para a estruturação das crianças e adolescentes como sujeitos e cidadãos – está diretamente relacionada ao investimento nas políticas públicas de atenção à família.

Encontramos na CF 1988 no artigo 205, no ECA, artigo 53 e na LDB, artigo 2 que entre tantos objetivos da Educação, ela deve preparar as crianças e os adolescentes para o exercício da cidadania.

Na CF de 1988, no artigo 205, encontramos que a Educação deverá levar o estudante ao exercício da cidadania:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

No ECA, no artigo 53, encontramos que a Educação é para o preparo para a cidadania: “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”.

Na LDB Lei 9394/96 prevê no artigo 2º que a Educação deve levar o educando para a cidadania:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Definição de cidadão pode ser extraída de Pinsky e Pinsky (2003, p. 9) onde este define ser cidadão a que tem

[...] direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais.

Cidadania plena segundo Carvalho (2003, p. 9), “é aquela que combina liberdade, participação e igualdade para todos”.

Cruanhes (2000, p. 83) afirma que “[...] a educação e cidadania caminham juntas, são indissociáveis, pois, quanto mais educados, mais serão capazes de lutar e exigir seus direitos e de cumprir seus deveres”.

Os pais e responsáveis são imbuídos de uma missão de cuidar das suas crianças de 0 aos 18 anos, matriculando em escolas e dando acompanhamento no ensino aprendizagem das mesmas. Os pais ou responsáveis que não matricularem seus filhos poderão receber sanções de natureza civil e penal.

ECA realiza o papel para o qual ele foi criado, regulamentando efetivamente seus direitos fundamentais que são destinados a infância e a adolescência, garantindo as leis descritas nele, tornando-se assim um importante documento de concretização dos direitos sociais previstos na Constituição Federal.

O ECA reconheceu as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos, fundamentando o que o legislador já tinha feito quando da elaboração da Constituição Federal de 1988.

Podemos comparar o livro bíblico de provérbios com o ECA principalmente com a interpretação e a hermenêutica usada. Em época mais antiga não existia esta forma de proteção da criança e do adolescente, pois era uma época patriarcal, a situação vigente em que os pais tinham domínio e uso dos filhos para o trabalho, e para a educação. Os filhos eram programados para serem líderes; eles deveriam ser considerados como aprendizes de um príncipe, de um governador, de um trabalhador, de um bom pai de família, e isto era o treinamento dependendo da família.

O Estatuto da Criança e do Adolescente depende da hermenêutica e da interpretação, uma vez mais legalista outra mais livre. A lei passa a ser interpretada conforme o gosto do judiciário. Como podemos fazer isto nas interpretações do Antigo Testamento e principalmente no livro de Provérbios? Deve ser vista a direção de um ou de outro com a hermenêutica ou correta interpretação.

3.4.2 Lei 13.010/14: Lei menino Bernardo: a Lei da Palmada

Poderíamos nos perguntar: A Lei 13.010/14 leva o nome de Bernardo por que? Homenagem ao menino Bernardo.

Bernardo Uglione Boldrini nasceu em Santa Maria (RS) no dia 06 de setembro de 2002 e foi assassinado pelo pai, por sua madrasta e com a ajuda de mais duas pessoas conhecidas da madrasta.

Sua morte aconteceu na cidade de Frederico Westphalen dia 04 de abril de 2014. A causa da morte do Bernardo foi por uma superdosagem do medicamento Midazolam.

As quatro pessoas foram acusadas pelo crime e condenadas em júri popular. A motivação do crime foi desavenças que a madrasta tinha com o Bernardo, não o aceitando no convívio familiar. A morte de Bernardo foi premeditada pelos quatro condenados.

Esta Lei 13.010/14, Lei menino Bernardo: a Lei da Palmada é criada para assegurar que tanto as crianças de 0 a 12 incompletos como adolescentes de 12 a 18 anos não sofram nenhuma forma de punição, castigo físico ou humilhações “por quem quer seja”.

Esta Lei vem acrescentar ao Estatuto da Criança e do Adolescente os artigos 18-A, 18-B e 70-A, e alteram os artigos 13 e 245 do mesmo documento e incluiu o parágrafo 9º, no artigo 26, da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que está estabelecida na LDB Lei 9394/96.

No Art. 18-A, e nos incisos encontramos que as crianças não podem sofrer maus tratos e nem serem castigadas.

A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los. Parágrafo único. Para os fins desta Lei, considera-se:

I - castigo físico: ação de natureza disciplinar ou punitiva aplicada com o uso da força física sobre a criança ou o adolescente que resulte em: a) sofrimento físico; ou b) lesão; II - tratamento cruel ou degradante: conduta ou forma cruel de tratamento em relação à criança ou ao adolescente que: a) humilhe; ou b) ameace gravemente; ou c) ridicularize.

O Art. 18-B. e os incisos trazem sanções para o descumprimento das medidas, que variam com a gravidade do caso.

Os pais, os integrantes da família ampliada, os responsáveis, os agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou qualquer pessoa encarregada de cuidar de crianças e de adolescentes, tratá-los, educá-los ou protegê-los que utilizarem castigo físico ou tratamento cruel ou degradante como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto estarão sujeitos, sem prejuízo de outras sanções cabíveis, às seguintes medidas, que serão aplicadas de acordo com a gravidade do caso:

I - encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família; II - encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico; III -

encaminhamento a cursos ou programas de orientação; IV - obrigação de encaminhar a criança a tratamento especializado; V - advertência.

Parágrafo único. As medidas previstas neste artigo serão aplicadas pelo Conselho Tutelar, sem prejuízo de outras providências legais.

A ideia é evitar que o abuso venha a ocorrer com graves consequências à integridade física, psíquica, ou moral da criança e adolescente, complementa o professor.

No Art. 70-A encontramos que é de responsabilidade da União, dos Estados, Distrito Federal e Municípios a responsabilidade de atuarem de forma articulada na elaboração de políticas públicas integrando entidades não governamentais, Conselhos Tutelares, Conselhos de Direitos da Criança e do Adolescente.

A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão atuar de forma articulada na elaboração de políticas públicas e na execução de ações destinadas a coibir o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante e difundir formas não violentas de educação de crianças e de adolescentes, tendo como principais ações:

A Constituição Federal de 1988 no art. 227 exorta aos pais e responsáveis pela criança.

[...] é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Na mesma Constituição encontramos no art. 229 que “[...] os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores[...]”.

A Lei Menino Bernardo protege as crianças e os adolescentes, para que não sofram punições, castigos físicos, humilhações. O documento incita que os agressores sejam denunciados e punidos.

O ECA e a Lei Menino Bernardo combatem a agressão física, mesmo que muitos defendam nos dias de hoje o uso da vara para educar.

No livro de Provérbios encontramos em quatro circunstâncias que a vara deve ser usada na educação dos filhos: “Quem poupa a vara odeia seu filho; quem o ama, castiga-o na hora precisa” (Pr 13,24); “A loucura apega-se ao coração da criança; a vara da disciplina a afastará dela” (Pr 22,15); “Não poupes ao menino a correção: se tu o castigares com a vara, ele não morrerá; castigando-o com a vara, salvarás sua vida da morada dos mortos” (Pr 23,13-14); “Vara e correção dão a sabedoria; menino abandonado à sua vontade se torna a vergonha da mãe” (Pr 29,15).

Confirmando o que foi descrito acima encontramos em vários autores que estudam o Antigo Israel que o uso da vara era comum na época.

Garmus (2005, p. 37) diz que “o método de ensino em Israel era semelhante ao de outros países do Antigo Oriente Médio, com ênfase na exortação, na repetição e no uso da vara”.

Encontramos em De Vaux (2004, p. 72) que o uso da vara era indicado na educação dos filhos no Antigo Israel.

Um dos deveres mais sagrados destes era ensinar seus filhos, quer se tratasse de ensinamento religioso, Ex 10.2, 12.26, 13.8; Dt 4.9; 6,7-20s; 32.7,46, ou da educação em si, Pv 1.8; 6.20, e, sobretudo Eclo 30.1-13. O açoite e a vara ajudavam nessa formação, Pv 13.24; 22.15; 29,15,17; cf Dt 8,5; 2 Sm 7,14; Pv 3,12; Eclo 30.1.

Como podemos perceber o uso da vara no Antigo Oriente era aplicado para a educação das crianças como fim educativo. Lembrando que a vara não era a única forma de educação: o diálogo, a instrução, o carinho dos pais também existiam naquela época.

Hoje este uso da vara é atualizado nas leis do ECA e pela própria Lei 13.010/14: Lei Menino Bernardo, e é superado por esses documentos.

O uso da vara é um assunto debatido nos dias atuais, pois muitos dos pais concordam que uma palmadinha na criança pode ajudá-la no seu amadurecimento. A Lei Menino Bernardo é clara: se os pais ou responsáveis baterem nas crianças podem perder a guarda, ser destituídos da tutela e do poder familiar.

Os pais no seio da família são os primeiros a protegerem, zelarem por suas crianças e adolescentes. Se não cumprirem esta prerrogativa receberão sanções. Encontramos no Código Civil, nos artigos abaixo as seguintes normativas:

Art. 1.630. Os filhos estão sujeitos ao poder familiar, enquanto menores.

Art. 1.637. Se o pai, ou a mãe, abusar de sua autoridade, faltando aos deveres a eles inerentes ou arruinando os bens dos filhos, cabe ao juiz, requerendo algum parente, ou o Ministério Público, adotar a medida que lhe pareça reclamada pela segurança do menor e seus haveres, até suspendendo o poder familiar, quando convenha.

Parágrafo único. Suspende-se igualmente o exercício do poder familiar ao pai ou à mãe condenados por sentença irrecorrível, em virtude de crime cuja pena exceda a dois anos de prisão.

Art. 1.638. Perderá por ato judicial o poder familiar o pai ou a mãe que: I - castigar imoderadamente o filho; II - deixar o filho em abandono; III - praticar atos contrários à moral e aos bons costumes; IV - incidir, reiteradamente, nas faltas previstas no artigo antecedente. V - entregar de forma irregular o filho a terceiros para fins de adoção.

Aprofundando ainda mais o que está descrito no Código Civil, o Estatuto da Criança e do Adolescente descreve nos artigos abaixo.

Art. 17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014).

A atitude de surrar com a vara por parte dos pais, não irá resolver o problema da indisciplina, afirma Macarthur (2007, p. 146):

[...] bater não é de maneira alguma o único tipo de disciplina que os pais devem usar. Há muitas outras maneiras viáveis de punir os filhos que podem ser usadas como complemento à vara. Se a criança responde imediatamente à censura verbal em determinada situação é desnecessário bater.

Tiba (2011, p. 82) aconselha os pais a darem bons exemplos.

A aprendizagem por imitação é natural no ser humano. A criança quer fazer igual ao super-herói: veste-se como ele e, quanto mais criança for, mais acreditará ser um super-herói só porque está usando a mesma roupa. Se os pais leem revistas, estudam ou bebem, motivam seus filhos a ler, estudar e beber.

Tiba (2007, p. 171) aprofunda mais a sua reflexão:

Ninguém conserta programas de computador usando martelos. Da mesma forma, castigar é uma ferramenta obsoleta da educação. Os pais e educadores têm de atualizar seus recursos educativos e incluí-los na educação. Muitas atitudes tomadas no passado – surras, descontroles emocionais, prisão no quarto etc. – são hoje martelo em computador. Elas danificam, não ajudam.

Paggi e Guaresch (2004, p. 130) afirmam que quando os pais perceberem que os filhos estão descontrolados devem tomar uma atitude de afastá-los do ambiente onde se encontram, ou mesmo, dar a eles um abraço. A surra, a ira, o espancamento, dos pais sobre os filhos não irá resolver a situação.

Frente a um comportamento incorreto, portanto, é preciso refletir e buscar na relação com o filho a solução do problema. Se a criança está

descontrolada e agressiva, por exemplo [...] é necessário afastar a criança do ambiente e, se preciso, auxiliar que ela se controle através de uma contenção, que pode ser um abraço. Mas lembre: não é um abraço de prazer, é um abraço de ajuda, senão pareceríamos loucos.

O belíssimo livro de Provérbios deve ser atualizado pelos pais, pois é uma fonte maravilhosa de dicas para Educação dos filhos.

A educação feita conforme a nova legislação: o ECA e a Lei Menino Bernardo no Brasil é atualizada do livro de Provérbios no que concerne ao uso da vara em crianças. A vara e o espancar os filhos que foram aplicados de forma literal no passado hoje são superados.

Hoje o uso da vara é proibido, sob pena de punição e deve ser substituído por diálogo ou outras formas de educar.

Entre os Provérbios bíblicos e a pedagogia moderna existem distâncias de contexto, de tempo e de cultura. Mas a busca da sabedoria na educação dos filhos é o objetivo a ser alcançado tanto lá como cá. Se determinadas formas podem ser atualizadas, há valores imutáveis e perenes que devem ser conservados.

CONCLUSÃO

A Educação dos filhos é um tema que ocupa todas as gerações da humanidade, dos tempos mais antigos aos dias atuais. Envolve as diversas áreas do conhecimento, como pedagogia, filosofia, antropologia, religião e psicologia. E abrange, igualmente, as diversas instituições sociais, como Estado, Escola, Igreja e família. Tem seu foco de interesse principal na instituição familiar.

O recorte temático desta tese se concentrou sobre a Educação dos filhos em Provérbios. Com a educação dos filhos, priorizou a função de pais e mestres. Com Provérbios, se debruçou sobre o livro bíblico específico de Provérbios. A partir dos provérbios bíblicos sobre educação dos filhos e de seu contexto sapiencial, a tese buscou estabelecer uma ponte hermenêutica com a realidade atual, no que tange à educação dos filhos no contexto da moderna pedagogia. Com isso, colocou em destaque os valores que continuam válidos na educação de crianças e jovens em nossos dias.

O livro de Provérbios tem sua redação final por volta do século V a.C. como resultado de uma longa trajetória anterior, com tradição oral de diversas épocas e culturas do Antigo Oriente Médio. Com isso, transmite valores, convicções e crenças de uma época remota, perenes para todas as épocas. Por outro lado, não está isento dos costumes, mentalidades e culturas de seu entorno. Daí a necessidade de distinções entre propostas e limites, o que a tese buscou demonstrar.

O estudo do livro de Provérbios em relação à educação dos filhos nos proporcionou a entendermos a educação no antigo Israel, no seu contexto sapiencial e a percebemos nitidamente que a educação tinha uma forte interação dos pais e mães com seus filhos e filhas, e de mestres com seus discípulos e discípulas. Quando Provérbios interpela “meu filho” se refere, com frequência, à instrução de mestre para discípulo em formação. Envolve, portanto, relação filial de confiança e afeto, em vista de uma educação alegre e feliz.

Percebemos, neste nosso estudo, que os pais tinham responsabilidade primordial na Educação dos seus filhos. A autoridade maior, normalmente, era a do pai, pois era quem mantinha a casa, no contexto da família patriarcal da época. Ele educava, prioritariamente, os meninos, enquanto a mãe orientava as meninas, além de cuidar dos afazeres domésticos. As filhas, num primeiro momento histórico,

tinham menos acesso à educação. Mesmo em épocas posteriores do período bíblico, com o advento de escolas, os meninos foram privilegiados.

O livro de Provérbios situa-se no contexto dos livros sapienciais, um conjunto literário que trata da sabedoria. Tornar-se uma pessoa sábia era um grande ideal no ambiente bíblico da antiguidade e, especificamente, no contexto de Provérbios. Esse ideal, por sinal, era partilhado por todo o mundo circunstante, principalmente pelo Egito e pela Mesopotâmia. Sabedoria se referia a diversas habilidades, desde o bom manejo de uma ferramenta até a relação com Deus, a sabedoria por excelência. Mas ser sábio era, sobretudo, saber viver, isto é, seguir o caminho reto, ser uma pessoa ética, comportar-se de maneira justa. Buscar a justiça era um valor semelhante, a ser inculcado na educação de crianças e jovens. Por isso, Provérbios insiste tanto na sabedoria e na justiça, do primeiro ao último capítulo. Os pais tinham a missão de levar os seus filhos a entenderem o mundo em que viviam e se comportarem de forma mais justa possível.

Os provérbios, em seu gênero próprio, serviam como instrumento de ensino, pois condensam verdades e experiências de séculos. São de fácil memorização, numa cultura privilegiadamente oral. Sintetizam, em sua brevidade, amplos ensinamentos. Nessa condição, também têm muito a nos dizer sobre cultura, mentalidade e métodos da época.

Através de Provérbios, percebe-se como a educação era rígida na antiguidade, com disciplina estrita, aplicação de castigos físicos e até mesmo com o uso da vara. Se, por um lado, a moderna pedagogia não admite nenhuma forma de violência física, essa era, na antiguidade, não só tolerada, mas até recomendada. Alguns provérbios recomendam mesmo o uso da vara. Tal recomendação exemplifica um texto bíblico que necessita uma correta hermenêutica. A aplicação da vara não visava, evidentemente, impor sofrimento ou mágoa, mas sim demonstrar o quanto era importante tornar-se uma pessoa honesta. Por isso, Provérbios explicita que o castigo é sinal de amor, ou seja, a disciplina é aplicada para que a criança cresça com honestidade, pois dessa forma vai causar alegria a quem a educou. Nesse sentido, o castigo físico é sinal de amor, em vista da felicidade.

Ao estabelecer a relação com a moderna pedagogia, concluímos que a forma exterior pode mudar, mas a essência da disciplina, em vista da formação ética, essa é perene e deve ser valorizada e implementada. O mesmo sentido move a moderna

pedagogia, em vista da vivência de uma educação libertadora, social, concreta, de acordo com a legislação brasileira. O processo educativo visa superar as amarras da ignorância e do senso comum. Visa a proteção no lar, assim como nos diversos campos da vida, de maneira especial na sua intelectualidade, na sua formação humana integral.

Falar em Educação em nossos dias é admitir que não existe apenas uma educação, mas sim várias metodologias de ensino. A Educação está presente não apenas nos bancos escolares, mas também dentro de casa, nas ruas, nas instituições diversas, como em movimentos sociais, igrejas e outras.

Nesse esforço de atualização dos valores educativos sapienciais, apresentamos o educador Paulo Freire, com seu conceito de educação libertadora. O pedagogo brasileiro, inspirado em conhecimentos e vivências educacionais, baseia o seu método em uma prática da construção do ser humano, humanizando-o, tornando-o um sujeito da sua história. Freire quer que todos os sujeitos saibam interpretar a realidade em que vivem para não se deixarem manipular por pessoas com interesses escusos. A base é a Educação conscientizadora, para que crianças e jovens se tornem partícipes da sua realidade, como cidadãos éticos. A tese buscou essa aproximação entre a sabedoria dos provérbios e a conscientização de Paulo Freire.

A tese buscou, por fim, estabelecer uma relação hermenêutica com a legislação atual brasileira no que tange à educação de crianças e adolescentes. As leis, em consonância com o ensino de Provérbios, defendem princípios básicos, direitos e deveres, formação ética, respeito à individualidade de cada ser. A legislação visa proteger o processo educativo, com liberdade, mas com responsabilidade, com discernimento frente às tendências e desvios possíveis.

O livro de Provérbios repete, com frequência, que o princípio da sabedoria é o temor do Senhor. Transmite, constantemente, a convicção de que a sabedoria emana de Deus e é Ele a inspiração para a correta educação. Essa atitude reverente, mística e espiritual constitui o valor fundamental para manter o ideal da educação de crianças e jovens, da época bíblica aos dias atuais.

REFERÊNCIAS

- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Nova York: Basic Books, 1998.
- BÍBLIA, Tradução de João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada. São Paulo: SBB, 1999.
- BLENKINSOPP, Joseph. *Sage, Priest and Prophet*. Philadelphia: Westminster, 1995.
- BOUFLEUER, J. P. Ciências da educação/ciências pedagógica: a questão do núcleo teórico-prático da educação. *In: DALBOSCO, C. A.; TROMBETTA, G. L.; LONGHI, S. M. (Orgs.). Sobre filosofia e educação: subjetividade-intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica*. Passo Fundo: Universitária, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRASIL. *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília-DF: Conanda, 2006.
- BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/superior/legisla_superior_const.pdf. Acesso em: 29 de abril de 2020.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA*. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 23 abril de 2020.
- BRASIL. *Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014*. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm. Acesso: 06 de fev de 2020.
- CARR, David M. *Writing on the Tablet of the Heart: Origins of Scripture and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- CARR, David M. *The Formation of the Hebrew Bible: A New Reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CERESKO, Anthony. *A Sabedoria no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CERESKO, Anthony. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2011.

- CLIFFORD, Richard J. *The Wisdom Literature*. Nashville: Abingdon, 1998.
- CRENSHAW, J. L. *Education in Ancient Israel*. New York: Doubleday, 1998.
- CRENSHAW, J. L. *Old Testament Wisdom*. Philadelphia: John Knox, 1978.
- CRENSHAW, J. L. *Urgent Advice and Probing Questions*. Mercer: Mercer University Press, 1995.
- CRUANHES, M. C. S. *Cidadania: educação e exclusão social*. Porto Alegre: Fabris, 2000.
- DALLEY, S. *Myths from Mesopotamia: Creation, the Flood, Gilgamesh, and Others*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- DAVIES, P. R. *Scribes and Schools: The Canonization of the Hebrew Scriptures*. Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1998.
- DE VAUX, Roland de. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- EATON, John. *The Contemplative Face of Old Testament Wisdom*. London: SCM Press, 1989.
- FIRMO, Maria de Fátima Carrada. *A Criança e o Adolescente no Ordenamento Jurídico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Renovar, 1999.
- FOX, Michael V. *Proverbs 1-9*. London: Yale University Press, 2006. (The Anchor Bible, 18 A).
- FRAZER, James. *The Golden Bough*. Hertfordshire: Wordsworth, 1890.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GADAMER, Hans. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GADOTTI, Moacir. *Perspectivas atuais da educação*. São Paulo: Revista, 2000.
- GARMUS, Ludovico. Educação dos filhos nos Livros Sapienciais. *Estudos bíblicos*. Petrópolis, n. 85, p. 30-43, 2005.
- GOLDBERG, Louis. Hakam, ser sábio, agir sabiamente. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

- GOTTWALD, Norman G. *As Tribos de YHWH*. São Paulo: Paulus, 1998.
- HEATON, E. W. *The School Tradition of the Old Testament*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- HEIM, K. M. *Poetic Imagination in Proverbs: Variant Repetitions and the Nature of Poetry*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2011.
- JAMIESON-DRAKE, D. J. *Scribes and Schools in Monarchic Judah: A Socio-Archaeological Approach*. Sheffield: Almond Press, 1991.
- LAMBERT, W G. *Babylon Wisdom Literature*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 2018.
- LEMAIRE, André. *Les écoles et la formation de la Bible dans l'ancien Israël*. Fribourg: Éditions Universitaires/Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981.
- LEMAIRE, A. *Schools and Literacy in Ancient Israel and Early Judaism*. Oxford: Blackwell, 1989.
- LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, n. 17, p. 153-176. Editora da UFPR, 2001.
- LÍNDEZ, José Vílchez. *Sabedoria e Sábios de Israel*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- LUCKESI, Cipriano C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MACARTHUR, JR, Jonh F. *Como educar seus filhos segundo a Bíblia*. 2. ed. Tradução de Andrea Filato. São Paulo: Cultura cristã, 2007.
- MACHADO, E. M. Pedagogia e a Pedagogia Social: educação não formal. *In: Pedagogia em Debate*, 2002, Curitiba. Anais. v. 1. Universidade Tuiuti do Paraná, Disponível em: <<http://www.boaaula.com.br/iolanda/producao/mestradoemeducao/pubonlineevelcy17>> Acesso em 26 Abr. 2020.
- MACKANE, W. *Prophets and Wisdom*. Naperville: SCM Press, 1976.
- MORGAN, D. F. *Wisdom in the Old Testament*. Oxford: Blackwell, 1981.
- MURPHY, Roland E. *The tree of life*. Springs: Eerdmans, 1990.
- NIELSEN, E. *Oral Tradition*. London: SCM Press, 1954.
- PAGGI, Karina P.; GUARESCH, Pedrinho A. *Desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação de filhos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; MACHADO, Érico Ribas. Pedagogia: concepções e práticas em transformação. *Educar*, Curitiba, n. 35, Editora UFPR, 2009.
- PEDERSEN, O. *Archives and Libraries in the Ancient Near East 1500–300 B.C.* Bethesda: CDL Press, 1998.

PERRY, T. A. *Wisdom Literature*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1986.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Org). *História da Cidadania*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PINTO, Sebastiano (Org.). *Provérbios*. São Paulo: Loyola, 2018.

ROLLSTON, C. A. *Writings and Literacy in the World of Ancient Israel*. Atlanta: SBL, 2010.

SARNA, N. M. *Bible. The Canon, Text, and Editions*. Encyclopaedia Judaica. Detroit: Macmillan Reference, 2007.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SAVIANI, Dermeval. Sentido da pedagogia e papel do pedagogo. *ANDE / Revista da Associação Nacional de Educação*, Nº. 9, 1985.

SCHMID, Konrad. *História da Literatura do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2013.

SCHÖKEL, Luis Alonso; VÍLCHEZ, J. *Provérbios*. Madrid: Cristiandad, 1984.

SCHWANTES, Milton. *Sentenças e Provérbios*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

SILVA, Valmor da. Sabedoria em Provérbios: As várias faces da realidade. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, n. 100, p. 66-78, 2005.

SILVA, Valmor da. Deus na linguagem proverbial: análise do uso do nome de Deus em provérbios e expressões populares da Bíblia e da atualidade. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 14, n. 43, p. 890-908, Jul/Set. 2016.

SOTELO, Daniel Martins. *YHWH e seus lugares*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

SOTELO, Daniel; POLETTO, Lizandro. *Um guia introdutório de Pedagogia e seus intérpretes*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

TIBA, Içami. *Pais e educadores de alta performance*. 3. ed. São Paulo: Integrare, 2011.

TIBA, Içami. *Quem ama educa: formando cidadãos éticos*. 29. Ed. São Paulo: Integrare, 2007.

VON RAD, G. *Sabiduría*. Madrid: Cristiandad, 1988.

WALTKE, Bruce K. *The Book of Proverbs: Chapters 1-15*. Cambridge: Eerdemans, 2004.

WEITMAN, Rabino David. *Tribuna Judaica*. Disponível em: <https://legalsaber.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Entrevista-com-Rabino-Y.-David-Weitman-sobre-educa%C3%A7%C3%A3o-judaica.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2020.

WESTERMANN, Claus. *The Roots of Wisdom*. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

WILLEMAM, Cyntia da Silva Almeida *et al.* *O Estado, a família, a escola e a sociedade: os papéis socioinstitucionais na proteção da criança e do adolescente*. Disponível em [:http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/bh/alana_gomes_fernandes.pdf](http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/bh/alana_gomes_fernandes.pdf). Acesso em: 31 de maio de 2020.